

Bruno Criss

ME FAZ FELIZ?

1ª edição

Buriti Editora
Paracatu
2018



Os editores agradecem a todos os amigos e colaboradores — pessoas jurídicas e físicas — que fizeram com que a publicação deste livro fosse possível

.

Direitos reservados.

Este é um trabalho de ficção. Nomes, lugares, personagens e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou são usados ficcionalmente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é total coincidência.

Impresso no Brasil.

"Para todas as pessoas que amei e estiveram em minha vida.

São corações partidos que criam as melhores histórias"

"How long has this been going on?

You've been creeping 'round on me

While you're calling me baby."

— Charlie Puth, How Long.

Caro leitor,

Ao decorrer da história, você vai encontrar músicas relacionadas ao meu romance. Gostaria que ao lerem, escutem essas músicas, elas o levarão ao lugar exato e imaginário do livro.

Lista de músicas:

Dancing On My Own — Robyn;

Burn — Ellie Goulding;

Girls They Wanna Have Fun — Cyndi Lauper;

Save It All — Marie Hines;

Last Christmas — George Michael;

Against All Odds — (versão) Darren Criss;

Say Something — A Great Big World;

Maps — Maroon V.

PRÓLOGO

Meio a meio?

Tudo havia mudado tanto desde de sua partida, eu não conseguia nem ao menos me olhar no espelho, meu próprio reflexo me causava náuseas, e nessas mudanças que a vida me trouxe eu tinha me tornado algo que nem eu compreendia. Eu tinha ficado sujo. Jeremy, me fazia muito feliz, ele me fez esquecer, esquecer de tudo o que já tinha vivido com Connor, era difícil, eu pensei que nunca conseguiria esquecer dele, mas Jeremy me fez esquecer dele.

A cama balançava com suas investidas, o suor do seu corpo percorrendo pelo meu, todas aquelas novas sensações que estavam surgindo.

Eu: — Ai... Para! Por favor, está doendo muito. — Gritei, tentando afastar seu corpo do meu, mas eu não era muito forte, a penetração foi fundo, tentei de todo jeito sair daquela situação, mas ele tinha me prendido, e estava ficando bravo com minhas tentativas de fuga.

Jeremy: — Você é mesmo uma putinha muito fraca... Não está aguentando mais nada desde que aquele cara voltou para essa cidade! — Disse ele removendo o seu membro de dentro de mim.

Eu não conseguia encarar ele de frente, percebi que sua sombra caminhou para o banheiro, nesse momento ainda eu me permitia pensar em Connor, mas era triste pensar nele naquela situação, eu não conseguia. Enrolei meus braços nas minhas pernas, ficando assim na posição fetal, eu queria algo a mais, algo que Jeremy não me oferecia. Idiota? Sim, eu sei. O quanto patético eu parecia. Percebia que o som da água se cessou no banheiro, meu corpo estremeceu mais ainda quando visualizei o trinco da porta se movendo. Seu corpo era perfeito, cada parte detalhadamente perfeita, como eu tinha conseguido ser dele, o corpo perfeito e uma alma tão obscura.

Tentei não reparar muito nele, fingi que dormi de cansaço depois daquela transa, na qual ele tinha recebido todo o prazer. Não demorou para que eu ouvisse o som da porta batendo, um som forte, ele tinha feito isso de pirraça somente para que eu acordasse com sua partida. Caminhei finalmente até o banheiro. Olhei-me ao espelho e vi que meu amor por

Jeremy era confuso, eu estava perdendo ele, e ele me perdendo, a culpa era de Connor? Em partes sim.

O celular que estava no criado-mudo começa a vibrar, então eu vejo que havia uma mensagem de Jeremy. Na mensagem estava escrito.

"Serio mesmo que você fez isso? Quando lhe conheci aguentava mais, você me tocava, nunca hesitou sí quer uma vez, e após aquele cara, que te magoou, voltou para perto, tudo acabou!

Joguei meu celular na cama e deitei, o sono caiu e eu não liguei para a mensagem de Jeremy. Às vezes Jeremy tinha uma bipolaridade comigo. Quando ele se mostrava feliz, recebia flores e noites maravilhosas, já quando ele estava mal-humorado, nem um simples boa noite ganhava.

Ainda acredito que nosso amor possa sobreviver! Mas vou relembrar como tudo aconteceu e sobre como era essa minha vida amorosa e complicada.

UM

Começando do presente

Nunca fui bom com palavras, mas de repente o que eu senti por Jeremy desde a primeira vez que lhe vi, mudou minha história. Ele estava levando seus móveis do caminhão de mudança até a nova casa, que por acaso era do lado da minha. Ele estava suado e usava uma camiseta regata branca, na qual detalhava seu peitoral másculo e sua barriga definida. Ele teria me olhado meio de lado, me dado um grande e belo sorriso, fiquei sem jeito, e contudo, foi assim que eu o conheci, algo rápido e simples, mas também algo forte e profundo.

Exatamente em um dia que eu permanecia na varanda do meu quarto, tentando ficar um pouco sozinho e escutar as minhas playlists de música, tentando fugir desse mundo, no qual ninguém me entende, e não sabe o quanto eu sofri durante esses dois anos que se passaram e como tudo aquilo era dificilmente de ser superado.

Ao lado da casa uma melodia estranha começou a tocar, desconheci a música, com certeza nunca ouvirá ela, algum tipo de rock clássico, não conseguiria explicar, foi quando avistei meu novo vizinho malhando no quintal de sua casa.

Sobre seu corpo o suor percorria como um jato de água, da cabeça até seu calção branco que também estava molhado com todo aquele calor e por causa dos exercícios que ele fazia. Parecia chato estar em seu lugar, malhando só para conquistar uma patricinha de Nova Jersey e por acaso é cheio delas, vagando em todos os lugares mais frequentados por bad boys com o mesmo estilo de meu novo vizinho.

Ele levantava seus pesos até seu peito e os abaixava, largou os pesos ao chão e deu início a uma sessão de agachamentos. O dog tag do exército que ficava em seu pescoço, balançava, produzindo um som metálico até que agradável para meus ouvidos.

Toda vez que ele erguia e descia seus músculos se contraíam detalhando suas veias e definindo cada vez mais suas coxas e seu peitoral, isso significava que ele faria mais e mais exercícios pesados, e cada etapa iria dificultando mais e mais.

Desviei-me daquilo que estava fazendo. Quando ele se ergueu novamente, notei seu olhar correndo em direção a mim, ele me olhou. Abaixei ao chão fingindo ter perdido algo só para poder disfarçar.

Posicionei minha mão ao chão para que pudesse levantar daquela sacada com solo quente. Tentei olhar novamente para ele, me erguendo devagar do chão. Ele me fitou com o olhar e sorriu, um sorriso bobo que o fez perder a força na hora de levantar os pesos novamente. Ele ria e ao mesmo tempo se queixava de dor.

Com muita vergonha escorrendo pelo meu rosto, me desloquei em direção ao quarto fechando a porta transparente da sacada. Ao espelho que estava posto em uma parede do meu quarto que ficava perto do notebook, eu me olhava, vi que minhas bochechas estavam coradas com toda aquela cena que havia acontecido. Será que ele percebeu minha reação? Fiquei mais vermelho ainda.

Lembro de um dia que minha mãe estava vindo dê uma loja com uma caixa pesada e eu estava no meu quarto tentando estudar para uma prova de arquitetura da faculdade, não era totalmente dificultosa, mas também não significava que era algo fácil.

Ouvi um som vindo das escadas, pensei ser minha mãe que chegava da loja, porém o que enxerguei foi surpreendente. Jeremy trazia uma caixa até o quarto de minha mãe, que estaria interligado no mesmo corredor do meu quarto e quarto de Chris, meu irmão que já não se encontrava morando ali, e que agora vive com sua namorada Carrie em Michigan, que nem si quer eu a conheci, só meus pais.

Minha mãe me chamou para que eu descesse até a cozinha. Vesti uma camiseta branca simples que estava pendurada na porta do guarda-roupa, e então segui o meu percurso.

Pisei dentro do espaço cozinha e lá estava Jeremy rindo com minha mãe, não consegui entender sobre o que seria o assunto que eles estariam falando, mas sabia que era sobre mim.

Mãe: — Venha para cá filho! — Disse ela alegremente.

Eu: — Sim mãe! — Disse isso virando a cara para ela.

Mãe: — Você conhece nosso novo vizinho?

Eu: — Não. — Falei negando.

Jeremy: — Olá, meu nome é Jeremy. — Estendendo sua mão para que eu pudesse apertá-la.

Eu: — Prazer sou Jamie. — Apertando a mão de Jeremy.

Mãe: — Jeremy é jogador filho! — Exclamou ela.

Eu: — Hum, jogador de quê? — Muito que eu me importo, pensei.

Jeremy: — Ah, eu jogo no time de futebol americano de Springs. — Explicou ele olhando fixamente para mim.

Mãe: — Viu você deveria praticar algum esporte, você fica em seu quarto trancado, lembrando-se de Connor.

Jeremy: — Connor? Quem é Connor? — Perguntou ele.

Mãe: — Era o namorado de Jamie que foi embora do país e o deixou amargo como ele está agora.

Eu: — “**Mãeeeeee**”. — Gritei.

Mãe: — O que foi?

Eu: — Não precisa falar isso, as pessoas não precisam ficar sabendo sobre o que aconteceu. — Suspirei.

Jeremy: — Não se preocupe com isso, aliás, eu não deveria me meter em sua vida! — Ele riu. — Mas então eu já vou indo!

Mae: — Muito obrigado pela ajuda querido. — Um enorme sorriso se abre na face, com o intuito de agradecer. — Filho acompanhe ele até a porta!

Jeremy: — Disponha. Sempre que precisar, é só me chamar.

Acompanhei Jeremy até a porta, ficamos em silêncio até a saída da casa, mas na porta um assunto começou a acontecer.

Jeremy: — Foi um prazer em lhe conhecer Sr. Jamie.

Eu: — Eu digo o mesmo. — Sorri.

Jeremy: — Poderíamos sair um dia desses eu e você, para podermos nos conhecer melhor.

Eu: — Ah, claro.

Jeremy: — Me passa seu número!

Eu: — Sim. — Respondi.

Entreguei meu celular para ele e Jeremy me deu o seu celular.

Eu: — Pronto aqui está. — Sorri e devolvi o celular para ele.

Jeremy: — Te ligo ou mando uma mensagem pelo Whats'App!

Ele foi se afastando da porta e andando em direção a sua casa, então fechei porta.

A primeira coisa que eu fiz fui pegar meu celular, abrir o Whats'App e atualizar minha lista de contato, não que eu tenha muitos amigos, no máximo quinze: alguns professores, colegas da faculdade, amigos com quem eu costumava sair e claro o número de Connor, mas de que adiantava ter o seu número se ele nunca mais falou comigo e nem si quer retornou minhas mensagens. Mostrou “sua lista de contatos está atualizada”. Olhei nos contatos e lá estava o número de Jeremy.

A foto do perfil dele era uma foto acho que meio antiga. Na foto ele parecia mais novo, uns dois anos mais novo. Ele usava o uniforme de

futebol, mas o time não era familiar, faculdade Springs, obvio, ele não era de Nova Jersey.

Finalmente cheguei ao meu quarto, liguei a TV que estava passando Grey's Anatomy, assisti só algumas temporadas e depois parei, saltei na cama e deitei no mesmo instante que Meredith Grey introduzia um bisturi na pele de um cara. Enviei um "oi" para Jeremy, um pouco nervoso. Será que ele estava online? Até que ele me respondeu.

Eu: Oi, estou passando por aqui só para ver se...Sei lá, quer dizer, não sei.

Jeremy: Haha, de boa! O que está fazendo?

Eu: Estou assistindo Grey's Anatomy 🖥️👁️.

Jeremy: Nunca assisti!

Eu: É ótima.

Jeremy: Então... Vamos marcar para sair amanhã? Poder ser?

Eu: Sim, claro 😊. Então moço tem ideia de algum lugar onde podemos ir?

Jeremy: Sabe, eu estava pensando ir ao Boliche Zona B, você conhece?

Eu: Ah sim, sem dúvida! 🖐️🖐️🖐️🖐️

Jeremy: Podemos ir lá, é que eu não conheço muito bem a cidade então você pode me mostrar um pouco do ambiente, onde convive, em que lugares gosta de ir. Me disseram que o boliche de Nova Jersey é o melhor de todos.

Eu: Como assim eu lhe mostrar a cidade 😊? Você não morava já aqui?
Fingi que não tinha percebido isso.

Jeremy: Não, não sou daqui. Venho da Carolina do Norte.

Ele gravou um áudio rindo que me fazendo lembrar de sua voz novamente.

Eu: Gostei muito da sua voz, uma voz doce.

Meu deus o que eu disse para ele, pensei.

Jeremy: Serio? “Haha”, Jamie já estou indo dormir zz, amanhã tenho um grande treino enjoativo que tenho que ir, boa noite. Até amanhã.

Eu: Boa noite, até amanhã.

Uma sensação tomou meu corpo. Um jeito maravilhoso, a maneira com que Jeremy falava comigo, havia feito um amigo com uma voz esplendida e magnífica.

Fiquei lendo e relendo nossa conversa por horas, lembrando seu rosto, seu sorriso me encantava de várias formas, como alguém poderia ser tão perfeito ao seu ponto de beleza?

Um cara hétero saindo com alguém gay como eu? Achei um pouco estranho, porém, então, pensei, “*ele é hétero e não se importa em ter amigos gays, não posso questionar em nada!*”

Ouçõ a campainha da casa tocar fazendo com que o som se propague, risadas começam a ecoar da porta. Conseguir identificar de quem se tratava, seria a voz de meu irmão Chris, acabei esquecendo que ele estaria vindo para jantar hoje com sua namorada.

Então começa assim, ela vai agradando minha mãe ajudando ela, elogiando, mas já Chris fica conversando com meu pai sobre política ou jogo de futebol, um assunto extremamente repugnante.

Me direcionei até a porta da frente da casa onde eles se encontravam todos reunidos como uma grande família americana.

Chris: — Como vai meu irmãozinho caçula? — Disse ele me apertando com seu abraço forte, quase me deixando sem ar.

Eu: — Estou bem. — Sorri meio de lado. — E você?

Chris: — Claro sempre estou agora que tenho a pessoa mais perfeita do mundo. — Apontando para Carrie. — Mãe você também é muito perfeita.

Minha mãe deu risada e seguidamente beijou o rosto de Chris.

Carrie: — Chris me pediu em casamento ontem, ele quis vir aqui para dar a vocês essa notícia. — Disse ela me cumprimentando.

Minha mãe fica emocionada e começa a chorar abraçando os dois, só meu pai que ficou olhando para mim e arqueou a sobrancelha.

Mãe: — Diga alguma coisa amor! — Disse minha mãe para meu pai que ficou calado no instante que recebeu a notícia.

Pai: — Desejo muita felicidade para vocês dois, teremos mais uma integrante na família. — Sorrindo disse sem mesmo saber o que havia dito.

E saíram em direção a cozinha. Pude perceber que ninguém estava sentindo a minha falta, por que pelo som das risadas que vinham da cozinha significava que eles estavam muito felizes como estavam, somente eles.

O som de suas vozes estava muito alto, então resolvi sair um pouco de casa. As luzes da rua estavam muito fortes, menos a de um beco perto de um açougue que estaria desligada ou por alguma razão deveria não estar funcionando.

Sentei na calçada da frente da rua onde vi o cachorro da Senhora O’lery em seu canil latindo para a parede.

Coloquei meus fones de ouvido e tentei procurar alguma música que me fizesse esquecer um pouco da minha vida, a única música que achei

adequada para isso foi *Dancing On My Own* da *Robyn*. Deitei ao chão, ergui o volume o mais alto possível e fiquei olhando para as estrelas.

O céu era imenso e belo, nunca parei para ficar observando ele, quando olhei para ele comecei a lembrar das coisas boas que vivi, de cada sorriso estampado em minha boca, cada risada sem motivos.

Uma sombra se aproxima de mim, quando vejo a face de Jeremy. Levanto do chão lentamente e vejo seu corpo completamente suado em cima de mim

Eu: — Pensei que iria dormir.

Jeremy: — Ah, eu estava com a cabeça cheia e resolvi correr um pouco para me acalmar. — Disse recuperando o fôlego. — E você o que faz aqui fora? Está sozinho... escutando Robyn.

Eu: — Ah. Você conhece a Robyn! — Admirado por ele conhecer uma cantora maravilhosa. — É que meu irmão está ali em casa com sua namorada conversando com meus pais, então prefiro ficar aqui fora e deixar eles conversarem.

Ele sentou no chão e eu o acompanhei sentando ao seu lado, ele cruzou suas pernas, retornou seu olhar para mim e sorriu como a primeira vez que eu vi ele.

Jeremy: — E por que não fica lá com eles?

Eu: — Eles possuem os assuntos deles eu já tenho meus próprios assuntos. — Olhei para cima ao terminar a frase.

Jeremy: — Entendo. Quer ir ali na minha casa?

Eu: — Por que?

Jeremy: — É que preciso de um belo banho, estou com um cheiro desagradável e também você disse que eles não tinham assuntos ao seu agrado, por isso podemos ir até minha casa, tomo um banho, a gente senta e conversa, só se você quiser, não quero lhe forçar a nada e não se preocupa não sou nenhum assassino delinquente maniaco.

Eu: — Sim, eu irei com você. — Disse levantando do chão, estendi a mão para ele se erguer.

Caminhamos silenciosamente até a frente da porta preta com um capacho onde dizia, “aqui mora um vencedor”.

Eu: — Que bela frase! — Comecei a rir.

Jeremy: — Engraçadinho. — Ele riu junto, seguidamente ele me empurrou de brincadeira.

Ele abriu a porta reverenciando para que eu entrasse em sua casa!

Jeremy: — Minha casa, sua casa. — Falou fazendo uma careta.

Eu: — Meu Deus. — Suspirei.

Jeremy: — O que foi? — Disse ele.

Eu: — Estou te enganando. — Empurrei ele de volta me cobrando do empurrão que ele me dera antes.

Ao cair no chão Jeremy me puxa pelo braço, eu desabo sobre ele, rolando no tapete de veludo que estava sobreposto ao chão dividindo a cozinha e o início da escada até os andares de cima.

Deitei em seu lado onde sua mão se pôs em cima da minha. Ele começou a se aproximar de mim lentamente, seus dedos percorrem meu rosto e descem sobre meu peito, causando um arrepio, permaneci imóvel, não consegui falar ou reagir. Ele me beijou. Seus lábios se movimentavam junto aos meus. Me tocou de várias formas que me faziam delirar. Uma sensação fria percorreu sobre meu pescoço e levemente me fazia carinhos.

Meu celular toca, um som desagradável, vejo a foto de minha mãe estampada na tela.

Eu: — Alô?

Mãe: — Onde você está?

Eu: — Estou caminhando na rua detrás da casa mãe! — Suspirei.

Mãe: — Venha para casa, Chris já está partindo, e não sei quando ele vira novamente.

Eu: — Ok! — E desliguei o celular. — Eu preciso ir!

Jeremy: — Mas já? — Ele sentou no chão.

Eu: — Desculpe, é minha mãe. — Indo em direção a porta e Jeremy vindo em direção a mim.

Jeremy: — Vejo você amanhã? — Disse ele colocando sua mão em meu ombro.

Eu: — Que dia é amanhã mesmo? — Rindo disse, aproximei meu rosto o de Jeremy.

Jeremy: — Sábado! — Aproximou também o rosto até perto do meu, beijando-me novamente.

Eu: — Até amanhã! — Direcionando-me para minha casa.

Jeremy: — Às oito da noite lhe buscarei, não se esqueça!

A casa dele ia se afastando a cada passo que eu dava, encontrei Chris com sua namorada e futura noiva na frente da porta de nossa casa. Pude me despedir deles enquanto havia tempo.

Chris: — Você está bem? Nem ficou com a gente esta noite! — Perguntou ele.

Eu: — Sim, sim, eu estou bem, só não queria a companhia de ninguém mesmo.

Chris: — Está bem, não vou interferir em sua vida pessoal, vejo você na próxima semana.

Eu: — Sim, até próxima semana Chris. — Ele me abraçou.

Quando Chris completou vinte anos, começou agir de uma forma diferente, obteve uma maturidade, passou a ter uma amizade comigo, algo que há dois anos atrás não era nada assim.

Chris e sua namorada e “quase noiva” entram no carro, buzinando para meus pais e dirigindo para o final da rua distanciando-se da casa.

Mãe: — Vamos entrar.

Entrei, subi ao banheiro, algo rápido e sim, voltei ao meu quarto e deitei na cama. Retirei o celular que estava ao bolso direito de meu casaco preto com listras verdes que mamãe teria comprado semana passada para mim e abri a foto de Jeremy. Paixão. Estaria completamente apaixonado por ele, deixei com que o celular caísse ao chão e não me importei.

Olhei para o teto e fiquei imaginando a cena que acabara de ter acontecido com Jeremy e eu, o jeito que ele me beijou, a única coisa que vinha em minha mente era Jeremy, Jeremy, Jeremy.

DOIS

Uma manhã

Tudo teve início em uma manhã na cidade de Nova Jersey onde eu vivo certamente, era sempre a mesma coisa, a brisa batendo pela fresta de minha janela, junto com a garoa da noite passada escorrendo sobre o vasto vidro avisando a hora de levantar. A cidade movimentada correndo de um lado para outro, trânsito engarrafado com muitos carros nas pistas e fábricas abrindo suas portas e começando a fabricar produtos. Quando acordei pude sentir o aroma do café da manhã que minha mãe havia preparado, não deu dez minutos na certa e ela começa a gritar.

Mãe: — Jamie, o café está na mesa, desça logo filho ou você vai se atrasar para a escola. — Disse ela no maior entusiasmo.

Eu: — Tudo bem mãe, já desço! — Dando um salto da cama.

Fui correndo em direção ao banheiro quase nu, abri a porta com seus detalhes pretos e flores ao redor, com sua altura de dois metros e sua cor branca meio acinzentada, peguei minha escova, coloquei a pasta de dente, comeci a escovar e cuspi. Peguei o pente e me olhei no espelho, meu cabelo estava uma bagunça extrema e sabia que só em dez minutos meu cabelo ficaria como sempre. Consegui arruma-lo em menos de cinco minutos, corri para meu quarto, deslizei no chão pois eu estava de meia e o chão é muito liso e quase rolou um acidente de minha cara com o meu guarda-roupa.

Faltava dez minutos e o ônibus da escola passaria em frente da minha casa e como de costume eu sempre me atraso e desta eu não queria me atrasar.

Desci as escadas correndo e quase caí. Pela velocidade que eu estava até parecia um daqueles atletas que correm aquelas maratonas de rua.

Chegando na cozinha meu pai estava lendo seu jornal como sempre na página quinze, onde se encontrava várias e vastas notícias de "nossa cidade amada", e meu pai começa a comentar.

Pai: — Rose você viu que vão aumentar os impostos? — Disse furioso sempre que algo de novo acontece na cidade, nunca se importando o porquê do motivo de aumentar os impostos.

Mãe: — Vi sim querido! — Afirmou ela. — Mas acho que o dinheiro do nosso antigo imposto estava muito baixo e nossas escolas e hospitais estão sem dinheiro.

Meu pai tomava seu café por ter que ir trabalhar logo cedo em seu escritório.

Ele era um homem sério e de futuro sucessível, um ótimo advogado e seu serviço era "raro" falando literalmente, na verdade ele era como uma oportunidade em que se você não agarrar na hora demoraria para que ela aparecesse de novo, isso seria meu pai.

Sentei e tomei meu café enquanto esperava minha torrada com ovos mexidos que minha mãe estava preparando, ocupei esse tempo para arrumar minha mochila com as matérias em dias.

Olhei para meu pai e vi o quanto eu não tinha um carinho afetivo dele, o trabalho que meu pai exercia parece ser muito mais importante que a família, as únicas vezes que meu pai está com a família é somente quando tem feriados e fins de semana, seus dias de descanso, então ele passava esses dias comigo e com o meu irmão mais velho de dezoito anos chamado Chris Júnior Brown.

Chris era o tipo do adolescente que gosta de ir em festas, ele sempre é convidado para ir em baladas e boates, porém ele fica tão bêbado que quando minha mãe começa a dar sermões sobre o alcoolismo e seus perigos aos jovens de hoje em dia, ele dorme e deixa ela falando sozinha. Ele tem 1,85 metros, cabelo escuro da cor de um corvo, olhos castanhos claro como se fosse um amarelo, sempre usa jeans apertados com camisas xadrez de todos os tipos de cores, ele adora redes sociais, por que se fosse liberado o casamento entre humano e máquina, na certa ele seria o primeiro.

Não somos o tipo de irmãos que são ligados "*literalmente*" e que compartilham segredos entre outras coisas, ele e eu somos sim muito separados, quase nunca nos falamos, só quando eu estou no banheiro de manhã cedo e fico arrumando o meu cabelo por quase uma hora e Chris começa a gritar comigo para que eu saia de lá.

Voltando ao assunto minha mãe é dona de casa e sempre me ajuda em tudo o que ela pode e que eu pedisse ou precisasse, ela era muito inteligente e carinhosa comigo.

Ela trabalhava na área de psicologia, todos conhecem ela na cidade. Ela ficou um pouco famosa quando conseguiu ajudar um psicopata a deixar de ser o que ele é e mudar toda sua mente, tornando-o uma pessoa melhor do que ele seria antes, e agora todo mundo conhece ela e algumas pessoas zoam de mim na escola, como:

— Como ela conseguiu curar o psicopata, mas o filho não? Odeio esse tipo de piada. Minha mãe deixou de trabalhar como psicóloga por causa de Chris, depois que ele nasceu ela não teve tempo para trabalhar e decidiu largar a carreira perdendo tudo o que ela conquistou durante esses anos, ela sempre foi dedicada em tudo o que fazia.

Já era 07:15 e eu havia terminado de tomar meu café, peguei minha mochila e fui esperar o ônibus. Ao sair pela porta minha mãe diz:

Mãe: — Filho você pegou o seu lanche? — Disse ela preocupada, porque ela é o tipo de mãe que se preocupa muito com isso, pode-se perceber de longe.

Eu: — Sim mãe, obrigado! — Sorri.

Mãe: — Então se cuida meu filho. — Beijando minha bochecha.

Eu: — Tchau mãe. — Disse com uma cara de quem estava ansioso para ir para a escola sei lá o porquê.

Mãe: — Tchau filho. — Ela respondeu acenando para mim!

Era 7:25, o ônibus estava atrasado. Como de costume eu sempre me atrasava, mas agora foi a vez dele se atrasar, isso já seria um motivo de se comemorar.

São 7:28, ele chega, entro e logo vou direto ao fundo do ônibus onde meu amigo Connor está sentado. Sentei ao seu lado, ele sorriu para mim como sempre, e me olhou com seus olhos verdes cor de esmeralda e seu cabelo castanho que sempre estava voando de um lado para o outro.

Connor: — Olá Jamie! — Disse ele sorridente como estava sempre a cada manhã que surgisse, mas seu sorriso estava diferente hoje, parecia meio forçado.

Eu: — Oi Connor, tudo bem com você?

Connor: — Eu estou ótimo e você Jamie? Está animado hoje?

Eu: — Claro, estou como sempre! — Comecei a rir. — Mas sério, você está meio que desanimado, aconteceu alguma coisa?

Connor: — Não se preocupe não é nada!

Eu: — Se você diz então. — Respirei fundo.

TRÊS

O DESESPERO

Ao chegarmos à escola havia se passado cinco minutos de atraso, tivemos que ir explicar o motivo do tal atraso para a Diretora que não parecia estar feliz como todas as manhãs.

Diretora: — Por que os mocinhos estão atrasados? — Disse ela com uma cara meio estanha, fuzilando Connor e eu com os olhos.

Eu: — Desculpe diretora, mas o ônibus atrasou e é por isso que chegamos atrasados, se quiser confirmar o que eu disse fale com o motorista, ele explicará tudo.

Diretora: — Então entrem para a sala, por que já perderam uma parte da aula. — Ajeitando sua saia azul escura.

Eu: — Tudo bem, obrigado diretora. — Sorri.

Entramos correndo na sala, era período de Biologia, Connor e eu sempre sentamos juntos por eu ter medo e vergonha de fazer novos amigos, já Connor vivia repleto de pessoas ao seu redor, as vezes eu me sentia excluído entretanto Connor apresentava-me pessoas para que eu não me sentisse tão excluído assim, ele queria que eu tivesse mais amigos, ele se importava comigo.

Connor era sorridente seu olhar me fascinava, seu cabelo castanho brilhava em meus olhos como refletores de espetáculos, olhos verdes igual a uma esmeralda quando o sol refletia nela, o seu movimentar dos lábios quando ele falava, que me deixa sem palavras, pele branca, seu modo de se vestir não teria algo igual ao dele, ele não se importava com o estilo de roupa que usava, mas se bem que ele fica gato em qualquer roupa. Connor estava conversando com Charlie uma amiga sua desde a infância, pensei que eles eram namorados ou coisa do tipo, mas Connor me dissera que eles só eram grandes amigos.

Connor: — Jamie, está é a Charlie, Charlie esse é o Jamie.

Charlie: — Olá Jamie, Connor fala muito de você.

Eu: — Ah é? — Sorrindo para Connor, tentando anima-lo.

Nunca vi Connor com nenhuma garota e achei isso meio estranho, por que qualquer garoto de 16 anos que é bonito, sarado e com o corpo definido namora, mas ele nunca me falou sobre sua vida totalmente pessoal.

Ele viu que eu estava olhando para ele e perguntou:

Connor: — O que foi Jamie, aconteceu algo? — Disse preocupado.

Eu: — Não eu só estou observando. — Minhas bochechas ficaram vermelhas e eu ri.

Connor: — Ok, se precisar de alguma coisa é só chamar que eu venho correndo até você, por que agora eu estou pegando a matéria da aula de ontem que eu dormi. Ele deu aquela risadinha sem jeito.

Connor era filho único, seus pais não são de Nova Jersey, vieram de Seattle... O pai de Connor havia mudado de trabalho e teve que se mudar para cá. A família dele é bastante educada e muito humorística também, se você ficar uns trinta segundos com o pai ou a mãe de Connor sozinhos, na certa você vai morrer dando gargalhadas, eles fazem piada de tudo, eles são o exemplo de uma família unida.

São dez horas em ponto e o sinal para o intervalo bate. Esperei Connor ir a biblioteca retirar o seu livro favorito que se chama "**RETALHOS**", ele sempre lia aquele livro várias e várias vezes. Não entendia muito livros, mas aquele parecia ser especial de alguma maneira.

O livro contava a história de um jovem que queria ser compreendido e ser como ele é, até que ele encontra o amor dele por uma menina que se chama Raina que também era diferente dele.

Tudo era complicado para mim nesse livro. Sentamos em um banco longe das pessoas para podermos conversar e comer nossos lanches em "paz".

Connor sentou ao meu lado e retirou de sua mochila da cor verde azulada um sanduiche de ovos e eu um belo sanduiche de geleia de amendoim. Connor olhou para mim com o rosto cheio de lágrimas e me contou que seus pais haviam se separados, a face de Connor ficava mais branca com a luz do sol como se ele fosse um anjo, ele começou a chorar e eu tentei acalma-lo, encostei sua cabeça em meu ombro largo e disse que tudo iria passa e se construir novamente.

Ele deixou seu sanduiche de ovos cair no chão e não ligou para isso.

O sinal tocou e era a hora de entrar para a sala mas ele ainda estava chorando, enxuguei as lágrimas do seu rosto.

Entrei para sala e fiquei junto dele para poder conforta-lo, ou seja eu não gosto de ver alguém que eu gosto triste. Sabe eu gostaria muito de voltar ao passado e poder mudar tudo, contudo sou muito sentimental se vejo alguém chorar parece que eu quero chorar junto.

Eu: — Ei. — Perguntei com preocupação na situação que Connor se encontrava.

Connor: — Oi Jamie, você precisa de algo? — Disse ele enxugando a lagrima que havia escorrido.

Eu: — Não preciso de nada, só queria saber se você está melhor? — Que pergunta tola pensei.

Connor: — Sim! — Respondeu ele como se nada mais importasse.

O sinal toca novamente, mas era o horário do termino da aula, todos os alunos saíram em direção a porta, nós dois fomos os últimos a sair da sala. Me recusava a ficar longe de Connor, depois esperamos o ônibus chegar para finalmente irmos para nossas casas.

O ônibus chegou, porem nós esperamos todos sentarem nos bancos da frente para podermos sentar lá no fundo. Ao sentar me deparei com Susan uma menina que é a mais inteligente de todas da escola, só que ela não era popular na verdade, os únicos amigos que ela tinha por acaso era Connor e eu, ela não falava muito e sim gaguejava, suas roupas eram esquisitas e sem vida. Ela estava usando uma jaqueta cor de caqui e uma saia florida. Seu cabelo era ruivo e encaracolado, tinha sardas em seu rosto e usava um aparelho em sua boca larga, ele lia um livro sobre crônicas e não ligava para o que acontecia no ônibus.

Connor estava com a cabeça encostada no meu ombro, como se estivesse confortável e melhor do que estava antes, ele parecia uma criança que havia perdido seu brinquedo favorito. Ele dormiu ali mesmo e não ligou.

Eu: — Connor acorde. — O ônibus teria parado na frente de sua casa.

Connor: — Onde eu estou? — Disse ele com uma cara de sono.

Eu: — Estamos na frente da sua casa.

Ele pegou sua mochila e desceu do ônibus e disse:

Connor: — Te vejo mais tarde Jamie?

Eu: — Sim! Vejo você depois.

Havia esquecido que nas sextas-feiras Connor vem sempre dormir aqui em casa e nos sábados eu durmo na casa de Connor, isso é sempre sucessivamente, gosto da presença dele, um amigo que sempre está ao meu lado.

Uma mensagem aparece em meu celular, era de Connor obvio, que dizia:

Connor: “Você vai vir aqui né? Não quero ficar sozinho aqui em casa, meus pais são bobos por brigarem por coisas sem sentidos, preciso de você ao meu lado.”

Por que não fica comigo então? Quero te beijar. O que sinto por você é inexplicável, tenho medo que me abandone depois que eu disser que te amo. Pensei. Porém respondi a mensagem de outra maneira.

Eu: “Não se preocupe. Eu estarei com você, não vou te deixar sozinho, nunca, seus pais vão resolver tudo é só coisas sem sentido de adultos.”

Connor: “Obrigado por sempre estar comigo”

Fico sempre sem reação quando ele fala deste jeito comigo, como se ele me amasse, mas creio que não. Não posso e nem quero estragar uma grande amizade de anos, por um romance bobo.

QUATRO

O SÁBADO QUE EU QUERIA

O entardecer!

O sol havia se posto, era dado o início da noite. Meus pais teriam sido convidados para um jantar na casa de meus tios George e Lizzie. Eles sempre convidam meus pais, mas sempre recusam porque preferem ficar em casa ou como meu pai diz “planejando o dia de amanhã” que seria o seu trabalho obvio. Esta noite do nada, sem motivo algum resolvem dar uma chance e ir, já fazia bastante tempo que mamãe não via sua irmã, depois que tia Lizzie deu a luz ao seu filho Thomas. Nunca houve um tempo de sobra para ela, sempre cuidado do garoto e deixando sua vida de lado, como minha mãe ao conceber Chris.

Em meu quarto a indecisão batia na porta, eu não sabia o que vestir, como se tudo o que eu provasse fosse inadequado para a ocasião. O guarda-roupa em minha frente e a única opção de roupa que vi foi uma calça marrom jeans e uma camisa social preta, pronto decidi que vestiria isso.

A campainha toca, o nervosismo se acomoda em meu corpo, eu estaria tão apaixonado por Jeremy e agora percebo que era tarde demais para voltar atrás e viver minha vida como era antes. Olhei-me ao espelho mais uma vez para ver se meu cabelo estava mesmo arrumado, meu cabelo castanho que sempre vivia bagunçado graças a Connor que sempre o mexia desajeitando, porém agora estaria ajeitado e perfeito na altura dos meus olhos também castanhos, cor de mel.

Sem dúvidas descí pelas escadas e abri a porta que encontrava-se trancada, com toda a certeza que Jeremy permanecia ao outro lado me esperando.

“*Um anjo*”, um grande anjo, foi o que avistei, isso seria um sonho ou a realidade mesmo? Pensei.

A rua calma, sem ninguém por perto para ficar olhando. Jeremy encostado na porta de seu carro estacionado na frente de minha casa. Como sempre Jeremy estava lindo, não tinha roupa que ele colocasse que não o deixava incrível. Ele usava seu casaco vermelho e branco do time de futebol e vestia uma calça preta que combinava com a cor do seu cabelo.

Jeremy: — Boa noite? — Ele veio em direção a mim, abraçando-me.

Eu: — Boa noite! — retribuindo o seu abraço.

Jeremy: — Vamos então? — Andando até o carro.

Eu: — Com toda a certeza. — Entrei no carro. — Você parece estar ansioso!

Jeremy: — É que faz um tempo que eu não jogo boliche.

Eu: — Por que? — Olhando para o rádio que estava ligado em uma estação que eu desconhecia.

Jeremy: — Eu não tinha muito tempo de sobra lá na Carolina do Norte, por isso vim para cá.

Eu: — Agora eu te entendo.

A placa luminosa roxa e amarela anunciava que havíamos chegado em nosso ponto de destino. Casais saíam do boliche abraçando-se e caminham até seus carros, não precisaria nem falar a espetacular coisa que iria acontecer depois.

A presença de Jeremy me alegrava, mal conhecia ele e já havia visto que era uma ótima pessoa, como se eu fosse uma lanterna e minha bateria acabasse, mas Jeremy está ali comigo para reacender. Viro-me em sua direção encarando sua face que agora passava pela porta amarela do boliche.

Uma luz invadiu os meus olhos causando uma leve irritação não havendo a existência de dor. Os sons das risadas vieram à tona, o barulho da bola batendo nos pinos e os derrubando no chão, era como um som de comemoração para os jogadores que torciam para que sua bola derrubasse todos os pinos posicionados na pista.

Os passos de Jeremy prosseguiram até um balcão onde ficava a recepção do lugar. Um jovem ruivo, com um corpo mais cheinho, comia uma rosquinha em que a cobertura escorria em sua boca e sujava seu uniforme em que ele limpava os dedos discretamente como se nada estivesse acontecido.

Sua mão se pôs dentro do bolso da calça e Jeremy retirou um cartão de crédito no qual entregou para o adorável jovem e sua rosquinha que estavam entediados por estarem ali.

Jeremy: — Que tamanho você usa? — Encarando-me com seus olhos nus.

Eu: — Como? — Colocando a mão em minha cabeça, fiquei em dúvida em relação a pergunta.

Jeremy: — Quer dizer, que tamanho você calça? — Segurando dois pares de sapato de boliche.

Eu: — Desculpa, eu não havia entendido! — Disse rindo enquanto minhas bochechas estavam parecendo um tomate. — Aliás calço quarenta.

Jeremy: — Então está aqui! — Entregando um sapato vermelho para mim.

Eu: — Pareço um palhaço e daqueles com um pé enorme. — Apontando o dedo indicador para os pés.

Ele chegou bem perto de mim, grudando seu corpo junto ao meu, em que foi possível ouvir sua respiração perante meus ouvidos.

Jeremy: — Mas eu gosto desse palhaço, gosto de como me faz rir. — Puxando-me para a pista de boliche.

A pista completamente cheia de pessoas, o som que ecoava pelo salão, bolas rolando de um lado para o outro, esta seria minha noite.

Alguma coisa gelada tocou sobre a superfície de minha mão, quando olhei Jeremy segurava uma bola de boliche preta, ele queria que eu fosse o primeiro a jogar.

Eu: — Mas eu não sei jogar! — Empurrando a bola de volta para ele.

Jeremy: — Como você sabe? Nem tentou ainda!

Eu: — Eu só não sei. — Exclamei.

Jeremy: — Tenta por mim vai. — Fazendo uma cara triste, como um gatinho fofo, mas ele é meio que um gato.

Eu: — Me convenceu, eu tento. — Pegando a bola de sua mão, uma bola bastante pesada.

Joguei-a na pista onde ela fez um giro contornando todo o espaço da pista e caindo bem ao canto da esquerda.

O som das risadas percorreram em meus ouvidos. Olhei para Jeremy que tentava conter a risada, foi aí que dei um soco em seu braço.

Jeremy: — Você tem que ter uma tática. — Respirando novamente, pois havia ficado sem ar de tanto rir.

Eu: — Muito engraçado! Vai trabalhar no circo. — Saí rindo da pista para que ele pudesse jogar.

Jeremy: — Vou te mostrar como um verdadeiro profissional joga. — Rindo enquanto esperava sua bola chegar.

Se posicionando no meio da pista, ele inclinou o braço para trás, direcionando o olhar para onde queria que a bola fosse. Ele lançou-a. A perfeição de uma linha reta na qual a esfera maciça percorreu derrubando todos os pinos.

Jeremy: — ”**STRIKE**”! — Ele gritou.

Eu: — Todos aplaudam o profissional. — Apertando sua mão, gozando da sua cara. — Agora é minha vez!

Peguei a bola, eu iria já soltar ela quando Jeremy fala.

Jeremy: — Espera carinha, não é assim que se joga! — Segurando meu braço. — Eu vou lhe ajudar.

Eu: — Meu Deus.

Encolhi os ombros, respirei bem fundo. Senti a mão de Jeremy percorrendo em minha cintura, sua mão direita segurava a bola junto a mim.

Jeremy: — Agora vai soltando os dedos e impulsa com muita força a bola. — Retirando seu corpo de perto de mim.

Eu: — Lá vai! — Lançando a bola na pista que corre em linha reta acertando todos os pinos também.

Jeremy: — Assim que eu gosto. — Me aplaudindo.

A admiração no olhar de Jeremy, a sua risada que contagiava-me muito, ele estava se divertindo, mas eu queria uma explicação do porquê me convidou sem ao menos me conhecer.

Eu: — Jeremy. — Tocando seu ombro alto e largo por causa da malhação.

Jeremy: — Sim. — Virando-se para mim que encontrava-se perto de uma parede branca que continha um cartaz escrito “Bola é bola meu irmão”. Achei um tanto tosco, claro que uma bola é uma bola, se não fosse, não seria uma bola.

Eu: — Vamos sentar, preciso conversar contigo. — Apontando para a mesa perto da lanchonete.

Jeremy: — Tá, claro.

Ele me seguiu do jeito que eu queria, pegamos a mesa central, a mesa que eu queria, e a única disponível também. A nossa esquerda havia um casal de idosos, mas não do tipo setenta anos, por ai uns cinquenta e cinco na certa e na direita um casal com dois filhos pequenos.

Jeremy: — O que queria me dizer? — Ajeitando seu casaco.

Eu: — Por que você me convidou? Me diga só a verdade por favor. — Fixei em seu rosto sem desviar o olhar.

Jeremy: — Seramente eu gostei muito de você desde que te vi na frente da sua casa a primeira vez. Quando sua mãe estava precisando de ajuda e depois apresentou você a mim, tipo, meu coração disparou, confesso que morri de vergonha. — Cruzando os dedos da mão.

Eu: — Então vamos aproveitar essa noite juntos, eu quero ficar aqui com você. — Segurei seus dedos nervosos.

Jeremy: — Quer comer alguma coisa? — Tentando quebrar o gelo.

Eu: — Ah, escolhe algo aí! — Largando o cardápio na mesa.

Jeremy: — Mas o que você gosta de comer? — Mostrando os pratos de comidas propostos no cardápio.

Eu: — Eu como qualquer coisa. — Rindo.

Jeremy: — Vou pedir uma pizza, pode ser?

Eu: — Deixa eu pensar um pouco, sim, claro que pode.

Jeremy: — Seu idiota. — Erguendo a mão para que a garçonete viesse em nossa mesa.

Andando pelos corredores, a garçonete avistou o sinal de Jeremy e prosseguiu até a mesa. Seu traje de trabalho era um tanto espantoso, sabe, como aqueles de filme de terror em que a empregada é um monstro. Avental branco, vestido preto, cabelo espantado, era como se ela fosse a Magenta do musical Rocky Horror.

Garçonete: — O que o bonitão vai pedir? — Enrolando o dedo na mexa do cabelo, olhando para Jeremy.

Jeremy: — Por gentileza, eu queria uma pizza Portuguesa e a metade de sorvete, por favor.

Ela anotou o pedido na caderneta, arrancou o papel do pedido colocando entre seus peitos e saiu rebolando a bunda que acabará de empinar.

Eu: — Você viu como ela te olhou? Parecia que iria te comer com os olhos!

Jeremy: — Eu sei. Preciso falar uma coisa! — Desviando novamente o olhar para os dedos.

Eu: — Se acalma, pode falar.

Jeremy: — Eu não assumido, não é que eu tenha vergonha ou algo do gênero, eu não posso me assumir, se eu me assumir perco minha carreira no futebol e eu não sei se você vai me aceitar assim.

Eu: — Como não iria, esse é seu futuro.

Jeremy: — Valeu cara. — Socando minha mão.

A garçonete voltava com os pedidos.

Garçonete: — Aqui está. Se precisar de mais alguma coisa em que eu possa lhe ajudar é só me chamar. — Piscando para Jeremy.

Jeremy: — Obrigado. — Observando ela se afastar da mesa.

Eu: — Acho que vou ficar com ciúmes dessa garçonete. — Rindo.

Jeremy: — Não precisa, não quero ela.

O papo se desenrolou a noite toda, eu já sabia tudo basicamente da vida de Jeremy e ele da minha. Rimos muito, falamos bobagens, coisas que garotos sempre falam obvio. Olhei para o relógio e vi que já era a hora de eu ir para casa.

Eu: — Cara eu preciso ir, falei para mim mãe que as onze eu já estaria em casa, ela é muito controladora.

Jeremy: — Sim, sim, vamos. — Levantando da mesa.

Ele foi até o balcão da lanchonete, pagou toda a conta mesmo eu insistindo que queria pagar.

Um trovão criou vida no céu, estava chovendo. O vento corria em meu rosto, eu podia sentir o frio tomando meu corpo. Corremos até o carro rapidamente antes que a chuva nos pegasse de jeito.

Jeremy: — Você se molhou muito? — Entregando seu casaco que eu colocasse.

Eu: — Não, eu estou bem. Pegue seu casaco de volta.

Jeremy: — Você é teimoso! — Abraçando para que eu ficasse quente.

Eu: — Eu sei, você não foi o único que me disse isso.

A água ressaltava na janela do carro. Eu estava contente, mas algo estava faltando, uma peça que estava difícil de achar. Cenas familiares tornaram em minha cabeça, o mesmo modo como Connor falava comigo se repetia mas agora na boca de Jeremy. Isso pode não pode ser verdade! Não devo julgar ele sem ao menos conhecê-lo.

O carro parou, meus pensamentos voltaram ao lugar de origem. O toque em minha mão foi como se eu voltasse a vida. Sim, eu gosto do jeito que ele me toca, carinhosamente, sem segundas intenções.

Jeremy: — Chegamos.

Eu: — Então é aqui que nos despedimos! — Abrindo a porta do carro.

A saída do carro de Jeremy me trouxe questionamentos de mim, que merda eu tinha acabado de fazer, como eu o deixei, fui grosso com ele. Que despedida foi aquela? Pensei.

Um doce toque se passa em meus pelos do braço. Olho para trás e vejo seu rosto na escuridão tomando forma.

Jeremy: — Espere, por favor! — Unindo seu corpo ao meu.

Nossos rostos juntaram-se, minha mão tocou sua face repleta de água. Eu o beijei. Seus lábios se contorciam diante dos meus. A chuva não estava atrapalhando em nada e sim melhorando tudo.

Jeremy: — Eu aguardava a noite toda para que isso acontecesse.

Eu: — Não precisava ter esperado, era só pedir. Tenho certeza que eu não o morderia. — Rindo.

Jeremy: — Entre na casa, está muito frio aqui, não quero que fique doente. — Levando-me até a porta.

Eu: — Obrigado por essa noite. — Abrindo a porta.

Jeremy: — Eu que agradeço a você. Ele seguiu em direção ao seu carro, colocou as mãos no bolso do casaco completamente ensopado e entrou no carro. Eu continuei a olhar para seu carro que se movia até sua casa. Suspirei. Fechei a porta, e disse a mim mesmo “Eu preciso de você Jeremy Murce”

CINCO

NEM TUDO O QUE RELUZ É OURO

Ao chegar em casa, larguei minha mochila no sofá da sala e fui para a cozinha para almoçar como faço todos os dias quando chego da escola. Entrei na área cozinha e minha mãe disse que não teria feito o almoço, ela tivera que cuidar de meu irmão Chris, ele havia dormido na escola por que estava com dor de cabeça e uma grande vontade de vomitar, desculpas como essa eu sempre tive, mas o que estava acontecendo com Chris era de verdade.

Chris era o mais velho da casa tirando meu pai e minha mãe, então minha mãe sempre “dizia para ele me dar conselhos”, por ele ser o irmão mais velho e o mais velho sempre dá o exemplo para o mais novo, como se isso iria fazer ele me dar conselhos, eu acho que tenho mais inteligência do que ele.

Meu irmão estava mal e não comeu nada. A mamãe (como ela mandava a gente chamar ela) mandou ir lá ver se ele estava se sentindo melhor e ver se ele precisava de alguma coisa. Subi as escadas longas e altas de minha casa lentamente, por que eu não queria fazer barulhos, mesmo eu não tendo muita amizade com ele, eu gostava dele. Nunca desejei mal a ninguém, menos uma vez em que um ex-vizinho Bob que me empurrou do skate e eu quebrei o braço, naquele dia eu desejei que ele morresse, mas só foi uma vez, isso não conta.

Abri a porta do quarto de Chris, e depois que eu entrei a fechei, ele sempre fica irritado quando minha mãe sai de lá e não fecha a porta, eu estaria só me precavendo. O quarto totalmente escuro, só havia uma única luz que era a que vinha do celular de Chris. Ele estava deitado em sua cama box de casal e escutando música no fone de ouvido sem perceber que eu havia entrado.

Eu: — Oi, a mãe mandou ver se você precisa de alguma coisa?

Ele pareceu não me ouvir por causa do fone que estava em seu ouvido, quando ele se virá para ao lado e nota minha presença.

Chris: — Opss, desculpe eu não estava lhe ouvindo. — Disse uma voz calma e paciente vindo de Chris.

Eu: — Oi, a mãe mandou eu perguntar se você precisa de alguma coisa? — Repetindo a frase novamente.

Chris: — Não preciso de nada, mas obrigado pela preocupação.

Eu: — Então até, eu já vou indo. — Seguindo em direção da porta.

Chris: — Não, espere! — Disse ele com uma voz meio rouca.

Eu: — O que você quer?

Chris: — Fica aqui comigo, senta aí e me faz companhia.

Eu: — Está bem então! — Olhei para ele com uma cara meio estranha, por que ele nunca falava comigo e nunca deixava eu entrar em seu quarto.

Sentei ao chão, encostando meu corpo e a minha cabeça na parede.

Eu: — Você está melhor? — Disse eu preocupado.

Chris: — Mais ou menos, por que?

Eu: — "Mamãe" disse que você está muito mal e eu fiquei preocupado. Mas por que você quer que eu fique aqui? — Disse muito curioso.

Chris: — Eu me senti sozinho, queria alguém para conversar comigo e eu sei nunca tive um relacionamento de irmão com você por isso está estranhando o meu pedido.

Ele ficou me olhando e viu que eu estava nervoso, como se eu tivesse algo preso na garganta só que eu não tinha a coragem de falar.

Chris: — Você tem algo para me falar? Pode confiar em mim! — Ele me olhou, e me deu um sorriso sincero.

Eu: — Eu não tenho certeza de como te falar, nós nunca conversamos sobre o assunto, e não tenho muita confiança.

Ele havia ficado triste com aquilo que eu disse sobre não ter confiança.

Eu: — Você quer mesmo que eu lhe conte? — Perguntei nervoso.

Chris: — Pode confiar!

Eu: — Promete não contar para a mãe e para o pai?

Chris: — Eu não irei contar. — Ele sorriu e me prometeu.

Eu: — É difícil de falar de um assunto deste gênero, mais ainda para você. Ok, vou direto ao ponto, eu ssssoou gay. — Minha voz falhou nessa hora.

Chris: — Ele me olhou de um jeito um pouco estranho, mas me abraçou.

Eu: — Pensei que você não iria aceitar, que iria contar para o mundo inteiro.

Chris: — Claro que não, só foi um susto que eu tive, é difícil saber que você vai beijar homens, viver com um homem e não com uma mulher. Mas como você tem tanta certeza? Já ficou com outro homem? — Ele fez uma cara séria, mas com certeza também.

Eu: — Não, não fiquei mas eu olho vários meninos e acho eles bonitos, tenho sensações boas quando estou perto de um. Eu sinto muita atração

e tesão por meninos, já eu não tenho atração por mulheres, eu não sinto nada por elas.

Chris: — Então se está é sua a vontade está decidida, eu não tenho nada contra, mas tenta conversar com a mãe! — Ele falou seriamente, sem gozação e sem brincadeiras.

Ficamos lá conversando por três horas e meia, o assunto era legal até! Meu irmão não é uma pessoa ruim assim, quando se conhece ele você muda de opinião.

Eu: — Chris obrigado pela conversa mas eu já tenho que ir embora, preciso ir buscar Connor na casa dele porque ele irá dormir aqui em casa dormir como sempre.

Chris: — Então tá cara, até depois, mas se você fazer algo a mais com Connor, use proteção! — Disse ele rindo.

Eu: — Connor não é gay! — Fechei a porta e fui até meu quarto para me arrumar, estava louco para encontrar Connor. Eu sempre fui muito afim dele, além de ele ser simpático e educado, ele era muito gostoso, eu estava tão apaixonado por ele, mas não me cabia coragem para contar para ele.

Coloquei uma calça branca e uma camisa verde com a logo do lanterna verde e sai apressadamente de casa. Coloquei meu fone de ouvido, que estava tocando a música "*burn* da *Ellie Goulding*", não liguei a mínima para quem estava na rua e comecei a cantar.

"When the lights turned down

(Quando as luzes se apagaram)

They don't know what they heard

(Eles não sabem o que ouviram)

Strike the match, play it loud

(Risque o fósforo, aumente o som)

Giving love to the world

(Dando amor ao mundo)

We'll be raising our hands, shining up to the sky

(Levantaremos as mãos, brilhando até o céu).

'Cause we got the fire, fire, fire

(Porque temos o fogo, fogo, fogo)

Yeah we got the fire, fire, fire"

(Sim, nós temos fogo, fogo, fogo...")

Andei por mais uma rua até chegar à casa de Connor, mesmo estando longe da casa pude ouvir a discussão do Senhor e Senhora Jones, então veio em minha cabeça que Connor estaria quase pirando por causa das discussões, ele é muito sensível em relação a isso.

Corri o mais rápido que pude até a casa. A porta estava aberta. Entrei sem permissão de ninguém, subi até seu quarto, abri a porta e ao mesmo tempo que entrei eu a fechei. Connor estava sentado na cama sem reação alguma, seus olhos ainda estavam bastante vermelhos de tanto chorar.

Eu: — Ei, não precisa mais chorar, eu já estou aqui. — Abraçando-o.

Connor: — Você não vai me deixar né? — Olhando em meus olhos.

Nesse momento eu o beijei, nossas bocas se cruzaram, como um imã que acabou de se chocar com um ferro. Enxuguei uma lágrima que ainda permanecia em seu rosto já pálido de tanto chorar. Eu o empurrei.

Connor: — O que foi isso? — Rindo. — Por que me empurrou?

Eu: — Eu pensei que você não iria gostar do que eu fiz e me agrediria.

Connor: — Você só pensa isso, só por que eu sou forte? Você achou que eu lhe agrediria? Meu Deus parece que você nunca se tocou que eu gosto de você? — Ele segurou a minha mão tremula e pálida em cima do palmo de sua mão que estava quente.

Eu: — Pensei que você gostasse de meninas, e então nunca liguei para meus sentimentos bobos. — Ri com um sorriso meio bobo tentando escapar da situação em que eu havia me "metido".

Connor: — Então por que você me beijou se você não tinha a certeza que eu era gay?

Eu: — Eu sabia que você estava mal, então eu me aproveitei da situação, não que eu ache legal o que está acontecendo com você, mas esse era o momento mais perfeito que eu encontrei, foi tudo tão magico para mim.

Connor: — Por que você não veio conversar comigo, dizer o que sentia por mim, eu saberia conversar com você mesmo sendo hétero ou gay, mas por favor vamos embora daqui, não estou aguentando essa discussão infernal.

Eu: — Claro que vamos sim! — Exclamei.

Ao saímos do quarto passamos perto da cozinha da casa, podemos ver os pais de Connor ainda discutindo o que aconteceria com a vida deles. Briga de adultos são uma chatice, eles sempre colocam os filhos no meio, dinheiro, amigos e entre tantas coisas.

A vida é muito difícil, não existe uma regra básica, mas também não existe solução. Após termos saídos da casa de Connor ele começou a

entrar naquele desespero e na angústia por tudo aquilo que estava passando.

Paramos na frente de um estabelecimento do Mc Donald's que não havia muitas pessoas e então dei um forte abraço para Connor para que se aconchegasse em meus braços, mas ao abraçá-lo pude ouvir um gemido sair da boca de Connor.

Eu: — Desculpe por ter lhe abraçado tão forte, eu não queria te machucar!

Connor: — Você não me machucou, eu precisava desse abraço, você é sempre a única pessoa que me entende, que me faz feliz, se você não estivesse aqui me dando apoio e me ajudando, eu estaria em prantos e desabando de um precipício.

Eu: — Não fale coisas desse tipo, enxugue essas lágrimas de seus olhos, você é forte, você consegue lidar com uma situação desta, eu o conheço muito bem e sei que você é incrível, luta sempre para conseguir algo que deseja e alguém assim igual a você nunca existirá.

As palavras que disse a Connor não só afetaram a ele e sim afetaram a mim, pude me sentir no lugar de Connor, com medo, sem forças lutando para que tudo passe e que seja um sonho.

Ao ultrapassarmos o limite da rua, avistei minha mãe em seu jardim, cuidando e cultivando suas flores. Ela trata aquele jardim como se fosse um filho, um jardim muito especial para ela, nunca ouse tocar nele, por que a consequência viria depois.

Eu: — Oi mãe.

Mãe: — Oi filho, oi Connor! — Disse ela enquanto segurava um regador de água no qual parecia que havia lutado na primeira guerra mundial.

Connor: — Oi mãe do Jamie! — Era assim que Connor chamava minha mãe.

Eu: — Nós iremos lá para cima fazer alguma coisa.

Mãe: — Daqui então uns dez ou vinte minutos vocês venham para o jantar. — Disse ela retirando suas mãos com terra do jardim.

A casa estava em um silêncio profundo, sem barulhos, sem movimentação, sem vida e Connor e eu seríamos uns intrusos. Abri a porta de meu quarto e disse para Connor entrar rapidamente, depois a tranquei.

Liguei a TV e coloquei em qualquer canal para que ninguém conseguisse ouvir o que Connor e eu conversávamos. Estava passando

um documentário sobre o Egito antigo no Discovery Chanel, algo relacionado com a mumificação e Faraós.

Connor se jogou de costas na cama e deitou, eu deitei ao seu lado sem mais nada para dizer.

Eu: — E então?

Connor: — Não sei! — Disse ele segurando a minha mão.

Eu: — Então só fiquei quieto e feche seus olhos!

Connor: — Por que? — Disse ele.

Eu: — Só os feche. — Exclamei

Ele fechou seus olhos devagar, subi em cima dele aproximando meus lábios em sua boca, ele colocou sua mão em minha cintura que me causou um arrepio em todo o corpo, erguia minha camisa mas não chegou a tirá-la. Seu corpo se conectava ao meu como uma rede de internet com uma força boa e gostosa demais.

Passamos aquela noite juntos, conversamos, não ligamos para o tempo. Eu pude cuidar de Connor, fazê-lo esquecer a separação dos pais, isso estava lhe fazendo muito mal. Ele deitou ao meu lado, abraçando-me, soltou um sorriso sem jeito e dormiu.

SEIS

**“VOCÊ NÃO FAZ ALGUÉM SE APAIXONAR POR VOCÊ.
ELAS SE APAIXONAM POR VOCÊ POR CAUSA DE QUEM VOCÊ É.”**

Ainda posso sentir o doce aroma das panquecas que vinham da cozinha. Jeremy não estava presente na cama, todos os sábados ele saía para treinar, das seis até as nove da manhã. Seu treinador era um tanto exigente em seus treinos, queria do jeito que ele mandava ou saía do time. Um homem gordo, baixinho e careca que levou o time de Seattle a vencer o campeonato regional e depois estadual, após os levando para jogar mundialmente com os outros países. Ele tinha dois filhos Maggie e Matthew que por acaso estudavam na mesma turma de arquitetura que eu. Irmãos inseparáveis, sempre juntos, menos na hora do banho eu acho.

Por um segundo respirei e levantei da cama, estava aliviado por já ser sábado, todos os trabalhos e provas feitas essa semana me tiraram do sério. A maçaneta da porta se movimenta, abre-se a porta. Jeremy estava entrando só de cueca, ele teve essa liberdade de andar pela casa assim desde que completamos sete meses morando junto, eu disse para ele ter cuidado com os vizinhos, mas ele não me escuta. Morávamos do lado da casa de meus pais, e Jeremy achou que não haveria privacidade para nós dois. Acabamos nos mudando para um bairro no leste da cidade e perto do estádio, onde ele jogava.

Eu: — Voltou mais cedo? — Tocando seu rosto.

Jeremy: — Talvez seja por que eu quero ficar com você. — Descendo a sua mão até meu lombar.

Eu: — Você sabe que eu não quero me interferir em seus treinos. — Arqueando a sobrancelha.

Jeremy: — Capaz, o treinador não foi. Ele ficou mal, com alguma dor estomacal e resolveu não ir. — Explicou ele. — E você sabe que nunca interfere em minha vida, você é como uma lei e eu tenho que seguir você, bobinho.

Eu: — Às vezes você me assusta. — Beijando sua boca. — Você está excitado demais!

Jeremy: — Você provoca isso. — Ele riu.

Eu: — Não creio nisso.

Jeremy: — Se quiser eu posso ser seu. — Sua mão chegou até minha bunda.

Eu: — Eu posso perceber, sua mão responde isso. — Rindo de sua cara.

Jeremy: — Eu só estou começando.

Eu: — Vamos deixar para a noite.

Jeremy: — Sim, mas antes disso, você vai a uma festa comigo.

Eu: — Como assim? — Fitei ele com os olhos. — Você sabe que eu não gosto muito de festas. Lembra da última vez que foi e bebeu todas?

Jeremy: — Desculpa, eu sei que exagerei naquela noite. Eu preciso muito que você vá comigo. Katie é uma amiga da faculdade e implorou pra que eu fosse na festa dela, não quero desapontá-la

Eu: — Mas eu vou como apenas um amigo ou como seu namorado?

Jeremy: — Você compreende que eu não posso me assumir para ninguém.

Eu: — Eu sei, e te entendo. — Abaixando a cabeça.

Jeremy: — Não fica triste meu pequenino.

Eu: — Lembre-se que sempre vou respeitar suas decisões, se não quiser se assumir tudo bem, só espero que isso não te machuque. — Abraçando-o.

Jeremy: — Então me beija.

Eu: — E se eu recusar? — Rindo.

Jeremy: — Eu irei rouba-lo, simples assim. Você sabe quando eu roubo não devolvo mais.

Eu: — Eu sei muito bem.

Como passou rapidamente esses sete meses. Desde a noite do nosso primeiro encontro do boliche, começamos a sair muitas e muitas vezes, até ele me pedir em namoro. Logo após convidou-me para que eu morasse junto com ele. No momento fiquei sem reação, não sabia o que responder para ele. Minha mãe não aprovou a ideia e por isso não conversamos diariamente, ela foi compreensível me aceitando do jeito que eu sou, e reconheço o esforço dela. Eu a amo e muito, mas eu escolho o que eu quero fazer com minha vida.

Precisava muito de um café, entrei na cozinha e sentei na cadeira que estava próxima a porta dos fundos. Jeremy brincava com o cachorro no quintal da casa, ele corria de um lado para o outro com uma bola de borracha. Com toda a certeza consegui deduzir que Jeremy era uma criança literalmente.

A cena ocorrida me mostrava momentos do passado na casa de Connor. Quando crianças, brincávamos com seu cachorro Spock, para crianças aquilo sim era o momento mais feliz de nossas vidas. O suor escorrendo em rostos angelicais. Lama e restos de alimentos grudados na

camisa. Não importava se estávamos sujos, o que queríamos era nos divertir. Hoje só vejo que penso em provas, família, dinheiro e nada mais, como é bom ser criança, não precisar se preocupar se deixou as luzes do carro acessas, ou no caso de não ter alimentado o cachorro. Como eu queria ser inocente novamente, me desligar do mundo, não ter preocupações.

Eu: — Ei grandão.

Jeremy: — Sim? — Erguendo as sobrancelhas após ter anulado a jogada que iria executar com a bola.

Eu: — Cara, temos que ir ao mercado.

Jeremy: — Mercado não! Não gosto de mercados. — Reclamando.

Eu: — Eu vou sozinho mais uma vez sucessivamente.

Jeremy: — É por isso que te amo. Sempre fazendo o que eu não gosto de realizar.

Eu: — Você está muito folgado.

Jeremy: — Não, não e não.

As chaves do carro em cima da mesa, anotei tudo o que estava faltando na lista de afazeres do meu celular. O carteiro chegou, ficou com medo do nosso cachorro, mas disse que ele não mordia ninguém. Ele me entregou as cartas e saiu a entregar as outras pela vizinhança. Não havia nenhuma carta importante entre as vinte que ele teria me entregado.

Eu: — Amor. — Gritando para ver se Jeremy me ouvia.

Jeremy: — Se continuar gritando vou ter que marcar consulta no otorrinolaringologista. — Disse ele recuperando o fôlego.

Eu: — Desculpa, é que você nunca me ouve.

Jeremy: — Então, o que você quer? — Segurando um fone de ouvido na mão.

Eu: — Almoçarei no centro da cidade. Você inventa algo para comer.

Jeremy: — Isso é óbvio. Não se preocupa, eu me viro aqui.

Finalmente sai de casa, era a mesma rotina de sempre, eu ia para faculdade e voltava para casa, preparava o almoço, estudava, filmes com Jeremy a noite. Eu já estava cansado, queria emoção em minha vida.

Quando entrei no carro, a primeira que coisa que me veio à cabeça era ligar o rádio. *Cyndi Lauper* dominou todo o espaço do carro com a música *girls they wanna have fun*. Jeremy costumava cantar sempre comigo, no entanto ele não tem mais feito isso.

Dei ré com o carro. Seguindo meu rumo, a letra da música me contagia e começo a cantar junto.

[Música no Rádio]

[...] ***“Some boys take a beautiful girl,***
(Alguns garotos pegam uma menina linda)
And hide them away from the rest of the world
(e a escondem do resto do mundo)
But not me. I wanna be the one in the sun
(Mas não eu. Eu quero ser a que fica no sol)
Oh girls they wanna have fun
(Oh Garotas querem se divertir)
Oh girls, they”
(Oh Garotas, elas...)[...]

(Padaria, após ter feito às compras)

Eu: — Fala. — Com a boca cheia.

Jeremy: — Vem para casa.

Eu: — Por que?

Jeremy: — Eu quero você!

Eu: — Então por que não veio comigo?

Jeremy: — Você sabe que eu não gosto. Desculpe eu tento fazer com que as pessoas se apaixonam por mim, entretanto só estrago tudo.

Eu: — Você não faz alguém se apaixonar por você. Elas se apaixonam por causa de quem você é! Eu me apaixonei assim por você.

Jeremy: — Você me faz feliz, e como me faz.

Eu: — Já estou indo para casa. — Limpando a boca.

Ao chegar em casa, as luzes todas estavam apagadas, o silêncio se propagava. Eu chamava por Jeremy, mas ninguém se manifestava.

Eu: — Grandão cadê você? — Ligando as luzes da casa.

Jeremy: — Ah, você estragou a brincadeira pequenininho.

Eu: — Não estraguei não. — Desligando a luz.

Nossos lábios se tocaram, ele me segurava em seu corpo. Eu sentia o calor queimando em nossos corpos. Soltava breves e rápidos gemidos.

Jeremy: — Vem tomar banho comigo. — Tirando a camisa.

Eu: — Vou sim. — Seguindo-o.

Jeremy: — Vem que eu te levo. — Me erguendo entre seus braços.

Ele me carregava até o banheiro. A água começa a rolar em nossos corpos ainda vestidos. Eu retirava sua roupa lentamente, não poderia perder cada momento que estaríamos criando ali.

Os toques dos seus dedos percorriam em meu corpo nu. Ele me colocará contra a parede. Beijava meus ombros sem nenhuma preocupação. Eu bagunçava seu cabelo todo molhado.

Senti seu membro entrando em mim, eu pareço lembrar de coisas vulgares, mas aquilo que estávamos fazendo era amor. Sexo é só por fazer. Quando você faz amor todos seus sentimentos estão ativos. Não sei se a mesma coisa se passava na cabeça de Jeremy, creio que sim.

A ejaculação toma conta de Jeremy, havia acabado seu serviço. A água se cessou, ele se enxugava com a toalha e me olhava com afeto.

Eu: — Gosto do jeito que me beija, gosto do modo em que sussurra em meus ouvidos.

Jeremy: — É você que me faz fazer isso! — Segurando minha mão. — Vamos pequeninho, temos que nos arrumar para a festa.

Eu: — Nem me lembre disso. — Bufei.

Jeremy: — Eu sei que você não gosta, e eu também não queria ir, mas cara ela é muito minha amiga.

Eu: — Não é por causa da festa.

Jeremy: — Então é porque?

Eu: — Tenho medo que você beba, eu já disse.

Jeremy: — Eu te prometi, então não vou desobedecer suas palavras.

Eu: — Eu confio em você. Agora vai se arrumar. — Empurrando-o em direção da porta. — Aguenta. É só uma simples noite com os amigos de Jeremy, não é nada demais.

SETE

O QUE É JONNOR?

Que tarde esplêndida havia se passado. Eu já estava saindo com Connor a mais de um mês. Tudo aquilo era empolgante para mim. Ele já havia me levado o cinema, na Comic-Com que ocorreu na nossa cidade, ele estava tão alegre, e eu me sentia muito feliz com ele, mesmo que nós estejamos juntos a pouco tempo. Já havíamos até pensado em muitas coisas que queríamos para o nosso futuro, sei que era bobo, algo infantil ou coisa do tipo, mas eu pensava de qualquer forma em nosso futuro não construído, sei que Connor não pensava da mesma forma, mas o que realmente vale é saber que ele está comigo e isso já é um grande começo.

Eu estava na casa de Connor ele havia acabado de sair de seu banho, em que ele sempre demora na média de trinta minutos. Ele estava todo molhado, por onde ele andava o vapor da água escorria pelo chão formando pequeninas gotas de água. O seu corpo era tão magnífico estrutural, deslumbrante.

Eu ainda estava mexendo em seu computador, olhando suas pastas de músicas, cada pasta era rotulada por um sentimento, assim como eu rotulo as minhas músicas.

Quando eu estou deprimido também tenho minha própria pasta para ficar sozinho, escutar sem que ninguém me perturbe, aonde eu possa fugir para algum lugar em que eu possa chorar, sem que ninguém veja, para que eu possa gritar, sem que ninguém me ouça. Nós jovens somos assim mesmo, nossos pais e professores consideram-nos esquisitos, pessoas estranhas aos seus olhos, mas não aos meus. Eles já tiveram suas fases, e mesmo assim não nos compreendem. Só queremos ficar em paz, sermos felizes sem que pessoas nos rotulem o dia todo.

Connor: — Ei Jonnor, olhe para mim! — Rebolando de toalha.

Eu: — Como assim “Jonnor?” — Rindo dele.

Connor: — É simples. Jonnor é um nome que eu inventei para nos dois. Junção de Jamie mais Connor, igual a Jonnor.

Eu: — Seu bobo. Parecemos crianças assim. — Encarando-o

Connor: — Não gostou?

Eu: — É claro que eu gostei. E muito. — Chamando ele com o dedo.

Então ele veio com seu corpo molhado sobre mim e com seus lábios ele começou a tocar os meu. Connor me derrubou em sua cama, me fazendo delirar de paixão. Ele começou a passar sua mão em meu corpo fazendo-o que ocorra um arrepio, Connor beija meu pescoço onde uma sensação de temor passa sobre mim.

Eu: — Ei, vai com calma mocinho! Alguém parece que está muito animado. — Disse isso e lancei um sorriso bobo para Connor. — Vamos fazer sexo então?

Connor: — Não é *sexoooo*! Nós iremos fazer amor! — Ele disse aos brados.

Eu: — Por que é amor e não sexo?

Connor: — Sexo é só algo por fazer, sem sentimento algum. Já amor é sentir seu parceiro, ter contato com ele, você está fazendo com alguém que lhe ama, e não pelo simples fato de ter prazer.

Eu: — Assim. — Rindo. — Então vem aqui meu amor.

Connor com delicadeza começou a tirar minhas roupas jogando-as no chão. Eu o agarrava tão forte e o beijava. Ele tirava minhas roupas íntimas, abria o zíper da calça, enquanto ele se deitava na cama. Me abaixei e coloquei-o na minha boca. Eu podia sentir ele gemendo toda vez que eu colocava e o tirava de minha boca.

Ele se levantou, veio em direção ao meu rosto e me beijou. Me beijou com tanta força, com tanto amor. Connor me deitou na cama cuidadosamente, colocando seu travesseiro de R2D2 de Star Wars sobre minha cabeça.

Ao colocar o travesseiro, fazendo me sentir confortável o máximo possível. Ele abriu a gaveta da escrivaninha marrom e escurecida que ficava ao lado de sua cama, deu uma olha dentro e retirou um pacote de camisinhas. Retirou uma do pacote com uma logo estranha, tipo um desenho de uma camisinha com olhos, boca, braços e pernas. Como se uma camisinha fosse alguma espécie de desenho.

O som da camisinha se abrindo, então ajudei a colocar em seu membro. Ele me beijou novamente, colocou-me na cama, abrindo minhas pernas lentamente, pegou um pouco de lubrificante e colocou ao redor de minha bunda.

Senti que ele já havia começado a introduzir dentro de mim. Cada vez estava entrando, a dor aumentava, até que soltei um grande gemido.

Eu: — Está doendo muito Connor, espera um pouco está doendo amor. — Disse isso segurando a mão dele.

Connor: — Sempre irá doer no início amor, eu estou tentando fazer o máximo possível para que não doa mais do que está doendo.

Eu: — Amo muito você!

Connor: — Eu amo mais!

Nossos corpos se uniram. Não éramos apenas duas pessoas, e sim, uma só. Girávamos em torno do espaço da cama como crianças, os abraços eram os mais sinceros possíveis e quando nossas bocas se tocavam, ah, eu gostaria de desistir de tudo só para ficar com elas juntas.

Connor me tratou tão bem aquela noite, eu me senti tão amado e protegido por ele, não era como uma simples transa boba feitas por adolescentes só para poderem perder sua virgindade e espalhar para todo mundo na escola.

Após tudo ter acabado, Connor foi tomar seu banho, entrei junto com ele. Podia ver seu sorriso estampado no rosto, eu também estava feliz. Havia feito algo tão bom com alguém que eu amava tanto. Se doeu? Sim doeu, mas não importava a mísera dor que senti no início, a voz de Connor me acalmava, passava confiança e eu estava com uma pessoa que respeitou e cuidou de mim.

Deitamos juntos novamente. O sono atingiu Connor, estávamos tão casados que simplesmente ele dormiu. Seus braços, envolviam na minha cintura. Ele me aconchegava.

Eu conseguia ouvir sua respiração em meus ouvidos que estavam perto de sua boca. A luz que ainda restava no quarto, iluminava o rosto dele, um rosto pálido e rosado ao mesmo tempo.

Peguei meu celular, desenrolei todo meu fone de ouvido que havia se bagunçado no bolso da calça, dificultando a velocidade para desenrolar. Coloquei-os nos ouvidos e liguei na primeira música que encontrei que por acaso era *Save It All* de *Marie Hines*. Me lembrava muito do passado de quando eu ainda estava no colegial e Connor havia arrasado na sala e passou mal. De repente caiu ao chão e começou a debater contra o chão. Eu entrei em pânico na cena. Corri até aonde ele estava e o segurei. Gritei tanto pedindo por ajuda, até que o nosso zelador chegou e o colocou deitado em um banco. Nossa professora de inglês, a senhorita Laurel ligou para a emergência.

O barulho da sirene queria destruir meus ouvidos definitivamente, o medo me cegou, às lágrimas só aumentaram. Eu não poderia fazer nada. Liguei o mais rápido possível para o senhor Jones, ele ficou tão desesperado quanto eu.

No hospital a mãe de Connor chorava nos corredores. As enfermeiras tentaram de tudo para acalmá-la, porém, nada estava dando certo. Corri até ela dando-lhe um abraço, então ela sorriu para mim.

Eu: — Tudo irá ficar bem, Connor só está um pouco doente nada demais, tudo vai melhorar e iremos para casa.

Mãe do Connor: — Obrigado. — Sorrindo.

O médico chegou com um sorriso no rosto e contou tudo que estrava se passando com Connor. Disse que ele precisava comer mais e deixar de jogar por uns tempos o vídeo game, pois aquilo consumia toda sua energia.

Quando a senhorita Jones viu o filho se aproximando ao lado do médico, levantou, e deu um grande abraço apertado no filho.

Mãe do Connor: — Você me assustou, nunca mais faça isso. — Chorando de alegria.

Connor: — Desculpe mãe! Prometo que vou diminuir os jogos da madrugada.

Mãe do Connor: — Com toda a certeza.

Ele lançou um sorriso dizendo muito obrigado para mim. Sempre conhecia todos os seus tipos de sorriso. Me alegravam muito. E eu sempre sabia quando ele estava mentindo, claro, Connor é um péssimo mentiroso com todas as palavras.

Aquela melodia e sua letra não me lembrava o que aconteceu na cena e sim como ele estava bem e como ele percebeu que eu me preocupo muito com ele.

A música havia acabado de terminar. Não notei o tempo passando tão rapidamente, enrolei novamente meus fones de ouvidos ao meu celular como uma cobra espremendo sua vítima. Coloquei-o em cima da escrivaninha desligando-o. Agora o sono era meu companheiro, meus olhos começaram a se fechar lentamente fazendo-o com que a visão que eu tinha ficasse borrada. Definitivamente eu dormi.

OITO

SÃO APENAS CINCO PALAVRAS!

“EU SEMPRE SENTIREI SUA FALTA”

Fora o frio que se passava em meu corpo, à noite se estendia na janela da casa de Katie. Havíamos chegado na festa em volta das sete da noite, Jeremy queria aproveitar, então chegamos mais cedo que o esperado.

A casa já parecia estar bastante cheia, bastante cervejas distribuídas, alguns meninos assando bifos de hambúrguer. Como se alguém iria pensar em comer hambúrguer se na verdade já estão todos bêbados? Ainda não entendo. Sim, sei que somos jovens gostamos de qualquer produto que contenha álcool e isso é normal.

Meu pai bebia, mas não ao ponto de ficar agressivo. Contanto que isso não cabe a Jeremy, quando ele bebe, começa a ficar irritado, discute comigo, mas nunca ficou agressivo.

Minha mãe dizia que o pai bebia para esquecer do seu trabalho, ele já estava enjoado de resolver a mesma coisa todos os dias, assalto, divisão de bens, divórcio, entre tantas coisas que só de me lembrar me enchem.

Gostaria muito de sair desta festa. Jeremy nem ao menos se preocupou com minha presença na festa, como se eu estivesse invisível e ele com amnésia. Percebo que a mão de Katie percorre em seu rosto. Droga! Aquela mão não era apenas um agrado e sim uma bela de uma cantada. Sabia que não deveria ter vindo nesta porcaria de festa.

O corpo de Katie ficava cada vez mais próximo ao de Jeremy. Mordi meus lábios diante aquela cena sem lástima. Tentei desviar meus olhos, pois ela estava me incomodando.

Bem, olhei a minha esquerda, vi todos aqueles copos, aquelas garrafas pela metade. Peguei um copo e me servi, não consegui me conter. O gosto da cerveja incendiava minha boca. Aquele doce aroma.

Abro o celular, procuro Jeremy na lista de contatos e tento enviar-lhe uma mensagem, até que sou surpreendido por Jeremy.

Jeremy: — Ei cara, o que está bebendo? — Pegando o copo vermelho, quase derrubando a cerveja.

Eu: — É só um pouco de cerveja, nada a mais.

Jeremy: — Depois disse para que eu não bebesse.

Eu: — Eu posso, você não pode. — Rindo.

Jeremy: — Não creio nisso. — Bebendo um gole.

Eu: — Você não pode beber, eu já lhe disse! — Tomando o copo de sua mão.

Jeremy: — É só apenas um pouco, vai. — Implorando.

Eu: — Beba então! Eu já estava indo para casa mesmo. — Dando as costas para ele.

Jeremy: — Ah! Por favor para. Eu não quero que você vá.

Eu: — Você se lembra do aconteceu da última vez que tomou álcool. Você não pensava direito, ninguém consegue pensar no que está fazendo.

Jeremy: — Eu prometo, não vou beber. — Balbuciou.

Eu: — Não quero que isso que está dizendo seja da boca para fora. Você mente bastante. — Reprimo ele.

Jeremy: — Desta vez eu não vou mentir, estou falando a verdade. — Um olhar sincero tomou conta de seu rosto. — Vamos lá para trás. Não tem ninguém lá. Podemos ficar conversando sozinhos, só eu e você.

Fico quieto. Nossos passos lentos se encontram na dimensão de um corredor, completo de copos ao chão, papel higiênico espalhado, ocasionando uma verdadeira festa adolescente.

Meu olhar se volta à medida de todos ao redor do corredor. Meninos que tentavam tocar os seios de meninas frágeis e inocentes que ao possuírem um gole de álcool em suas bocas, perdem o total sentido de sua vida.

A porta que estava a nossa frente, era aberta por Jeremy que olhava a nossa volta procurando a presença de alguma pessoa além de nós dois.

Em nossa presença encontrava-se apenas um único banco, solitário, entre a luz da lua. Sentamos. Ficamos ali, parados, olhando um para o outro sem hesitar em falar. A noite nos acompanhava, ela era nossa testemunha, conhecia o nosso amor. A maneira de como ele me olhava, sei que ele me queria. Eu pude sentir.

Então, eu o beijei. Jeremy me empurrou de volta para atrás. Meus olhos se perderam em várias direções. Sentia a negação tomando o ar em que eu estava.

O álcool que eu havia derramado dentro do meu corpo, fiz com que eu perdesse todos os sentidos, eu não estava pensando em mais nada. Eu sabia que não deveria tê-lo beijado.

Jeremy: — O que eu disse para você sobre fazer isso? — Seu tom de voz aumentou.

Enquanto ele discutia comigo, percebia a presença de alguns meninos do time de futebol ouvindo o que Jeremy tinha a dizer.

Jeremy: — Eu gosto muito de você, mas está vacilando comigo.

Eu: — Sinto muito. Só não estava pensando direito.

Jeremy: — Sim, sou gay, gosto de você. Mesmo assim meu futuro depende do futebol.

Eu: — Descuuu... Desculpa. — Soluçando. — Eu não quis te magoar. Foi culpa da cerveja, não estava no meu eu próprio.

Jeremy: — Então por qual motivo bebeu? Não era você que havia me proibiu de beber? — Fitando-me com os olhos, arrastando-me à uma profundidade de ódio insaciável.

Eu: — Só por causa deste beijo você encarnou em mim. Lá perto de todos você só ficava dando atenção para Katie. Ela tocava você e você achava engraçado, sem o mínimo de preocupação.

Jeremy: — Ciúmes? É isso? — Arqueou a sobancelha. — Por que tu tens ciúmes de mim? Sabe que eu gosto só de você. Sim, que eu já namorei algumas garotas antes de conhecer você, isto é obvio! Mas eu já larguei de fazer isso.

Eu: — Então me desculpe, por favor! — Consegui ver os meninos se afastando da porta. Jeremy parece não ter percebido a presença deles.

Jeremy: — Acho melhor você ir para casa. Não tens mais nada para fazer aqui. — Abaixando a cabeça e apontando a porta sem nenhum arrependimento.

Eu: — Com certeza, eu vou, se é isso que o que disse. Mas continue sem tomar algum gole de água. — Saindo daquela cena, o deixando ali.

À noite era escura. Às lágrimas escorriam em meus olhos. Eu pegava as chaves do carro no bolso e seguia para casa. Conseguia sentir a decepção em meu peito, me matando.

Liguei o aquecedor do carro, o frio começou a ficar mais denso, pesado. Meu rosto pálido forçava para conseguir enxergar a estrada J. Mendes que se ligava com as extremidades de minha casa.

Não fiz questão de guardar o carro. Congelado já se presenciava, então que adiantava? A primeira coisa que fiz ao entrar em casa, claro que seria deitar na cama. Eu conhecia muito bem Jeremy, gosta de me tratar bem, pelo simples fato de ter uma satisfatória transa. Queria aquele bobo, apaixonado, em que na primeira vez que saímos juntos, fixava seus olhos apaixonados em mim.

Tentei esquecer de todas as burradas que havia feito, porém, eu não conseguia. Elas me perseguem todas às vezes em que eu cometo um novo erro, outro motivo de chacota a se presenciar por mim mesmo. Andei até a cozinha, ainda com as pernas tremulas que surgiram, após ter recebido uma lição de moral de Jeremy. Peguei um copo do armário, um armário

que já estava ali, em seu antigo estado, desde que cheguei a nosso “**Lar doce lar**”. Retirei da geladeira, uma jarra de vidro com certeza gelada ao seu redor e me servi. Me posicionei, sentei ao banco à frente da copa sem parar de pensar na festa, uma festa traumatizante na verdade.

Nunca gostei da ideia de ficar sozinha em uma casa. Lá estava eu e o vazio, é lógico. Precisava de alguma distração. Volto a deitar. Em alguns anos, a única companhia em que eu posso confiar é a música. Ela me excita de tantas formas, me torna feliz em vários momentos, chora comigo e mostra todos os seus sentimentos e isso é bom.

Tento dormir um pouco. O sono vai me tomando aos poucos, até que durmo. Meus sonhos me fascinavam, como uma fantasia no país das maravilhas ou na terra do nunca, sempre me sinto livre, coisas novas a cada passo em que eu dou. Admiro o poder que a mente possui e pode proporcionar à uma pessoa.

Meus sonhos são interrompidos por um som alto direcionado na porta da frente. Um medo surgiu, como uma perda. Sabia claramente que Jeremy estava já em casa.

Dei um pulo da cama, andei pelos corredores escuros e vazios. Ao chegar na cozinha, uma luz se presenciaram em meus olhos. Coloquei a mão sobre os olhos, na luz que se formava na parede, conseguia ver a forma de um corpo, o corpo de Jeremy. Vejo a geladeira se fechar. Ligo às luzes da cozinha.

Eu: — Ei, já é tarde. — Vendo ele sentar ao mesmo lugar em que eu havia me sentado antes.

Jeremy: — Sim, e daí? Não me importo. — Seus lábios se envolviam com a beirada do copo enquanto bebia água.

Eu: — Eu sinto muito, por que não consegue compreender? — Sentei ao seu lado. Tente de qualquer jeito tocar em seu rosto, mas todas às tentativa fracassaram.

Jeremy: — Eu não consigo entender por qual motivo não seguiu uma simples regra de não me beijar ou de fazer uma reprodução de bicha em público?

Eu: — É isso que você vê em mim, uma bicha? — Tentando mudar as situações ali provocadas. — E você é o mais hétero que eu conheço.

Jeremy: — Sabia que você iria brincar com as palavras ariscas. E quero mesmo te desculpar, quero muito, porém não consigo.

Eu: — Poderíamos esquecer de tudo isso.

Jeremy: — Eu vou tentar, eu te juro que vou.

Ele estava com medo. Medo de ser descoberto, de não poder ter seus sonhos realizados, e saber que eu posso arruína-los a qualquer instante.

Eu: — Já vou ir me deitar, se quiser vir ou não sei.

Jeremy: — Faça o que achar melhor. — Seu tom mórbido.

Eu: — Desculpe se estraguei sua vida, sei que não era assim que você queria, que seus planos seriam diferentes. — Dando um beijo de boa noite em seu rosto, senti sua barba em meu rosto e sabia que sentiria saudade de tê-la novamente em mim.

Eu pude sentir meu coração se apertando no peito. Doía, como uma ferida, no entendo secaria, formando uma cicatriz e essa não seria a primeira vez. Compreendi no exato momento, que deveria sair de sua vida, deixa com que respirasse novamente.

Recuei para o quarto pensando no que faria ali em diante. Sem saber o que fazer, qual caminho tomar.



Na manhã seguinte lembrava do erro que tinha cometido. Arrumei minhas coisas e as coloquei na mala. Era a coisa certa a se fazer, deixá-lo e seguir minha vida.

Escrevi um breve bilhete, não queria dizer tudo o que sentia e simplesmente, o quê mais importava.

“Querido Jeremy!

Você não vai me encontrar esta manhã, segui o meu destino e quero que siga o seu. Fiz algumas besteiras que me culparei eternamente e vai doer a cada manhã em que eu abrir meus olhos. É como eu sempre digo “*Once bitten and twice shy*” (Uma vez magoado, duas vezes mais cuidadoso), eu tentei, porém nada saiu como o planejado.

Quero ter certeza que tudo irá ficar bem com você e lhe desejar toda a sorte possível para que se torne e conquiste tudo o que imaginar

Neste momento precisamos de pessoas fortes como você. Agradeço a chance de ter conhecido você e não me arrependerei deste fato. Quando precisar de um amigo, quero que conte comigo.

Jamie”

Peguei as chaves no bolso e abri a porta sem bater. Fiquei completamente sentido com a despedida, se bem que não era uma verdadeira despedida. O único lugar em que eu poderia ir neste momento, era a casa de meus pais. Voltaria para casa. Como nos velhos tempos, dependendo de meus pais mais uma vez.

A casa estava igual à última vez em que eu a vi. Meus pais amavam aquela casa, diziam que foi lá onde viveram os momentos mais felizes de suas vidas. Posso dizer que também tenho recordações de alguns momentos muito importantes criados por essa casa.

Sai do carro, minhas mãos tensas. Mesmo sabendo que mamãe disse que eu deveria ter ficado em casa, que eu era a coisa mais preciosa para ela e que eu não deveria deixá-la, ela gostava muito de mim, não querendo me gabar, mas sempre tive mais amizade com a mamãe do que Chris.

O som do punho batendo na porta. Um olhar surgiu a minha frente. Dona Rose me abraçou com força, um sorriso surgiu em seus lábios. Ela acariciava meu rosto, neste momento reconheci que havia voltado para ca

NOVE

SONHOS VIRAM REALIDADE

Já de manhã, eu me via deitado ao seu lado. Eu não queria interferir em seu sono, mostrando já estar acordado. O jeito de como ele estava dormindo equivalia a um modo angelical, o seu respirar soava como música em meus ouvidos, era fascinante, tão perfeito aos meus olhos.

Aos poucos tentava sair da cama sem incomodá-lo, contudo não funcionou como eu esperava. Seus olhos seguiram meu levantar em questão de segundos, eu estava sendo perseguido.

Connor: — Ei, bom dia! — Limpando seus olhos, na chance de me ver melhor.

Eu: — Bom dia. — Colocando minhas calças.

Connor: — Por que está saindo assim de fininho? Eu fiz alguma coisa? — Sentando ao lado da cama, vendo eu me vestir.

Eu: — Você sabe que eu tenho costume de levantar cedo, é uma mania muito bizarra. E você esqueceu que hoje temos aula, e vai haver uma prova de Geografia. — Vestindo o uniforme azul claro com a logo de uma letra “A” um pouco desbotada.

Connor: — Ah, vamos ficar em casa hoje, sozinhos, só eu e você. — Me puxando de volta para a cama. — Minha mãe vai ficar a manhã toda fora, podemos aproveitar um pouco.

Eu: — Vamos mocinho. Não seja preguiçoso. — Continuei a insistir.

Em apenas um pulo ele levantou-se, seu entusiasmo era imenso, um fogo que contagia a todos. Não continha dias difíceis na vida de Connor. Ele sempre vivia alegre, cheio de vontade e adorava me fazer cocegas e isso não significava ser engraçado.

Mãe de Connor: — Meninos desçam! Venham tomar café, hoje irei levar você à escola.

Ele me olhou com uma cara não muito satisfatória, um pouco preocupado e meio curioso. Descemos até a cozinha. A Sra. Jones sempre foi uma ótima cozinheira, uma das melhores, depois da minha mãe, é claro. Sentei ao seu lado como sempre sento em qualquer lugar, no qual, possamos estar juntos.

O café estava maravilhoso, uma bela refeição antes de iniciarmos nosso dia. Coloquei um pouco de café na minha térmica e guardei na mochila, entre o caderno de história e geografia.

Tornei a sorrir, contente por aquela manhã e também pelas noites em que havia ficado junto de Connor. Sra. Jones não parecia tão triste com o divórcio, e sim, um pouco aliviada. Senhor Jones sempre foi um pai presente na vida de sua esposa e de seu filho, de alguma forma não sentia-se bem do modo em que estava, queria um plano B, que encorajasse a ter novas experiências. Um homem bastante confuso na minha opinião

Volto a ver Connor fazendo brincadeiras na mesa, um pouco exageradas. A mãe dele tenta dizer que isso é muito infantil de se fazer, porém ele não liga muito com que ela tem a dizer, ou algum outro sermão.

Mãe de Connor: — Vamos então? Já estão prontos? — Em suas mãos segurava as chaves do carro e sua bolsa de couro vermelha, comprada no shopping mais próximo da cidade. Ela sempre usava a mesma bolsa todos os dias.

Connor: — Vamos. — Andou até mim, colocou a mão em meu ombro de um jeito carinhoso. Ele me olhava tão encantado. — Não queremos nos atrasar.

Eu: — Aham. — Concordei com a cabeça.

Ele abriu a porta de trás do carro e deslizou sobre o assento. Segui logo em seguida. O carro entrou em movimento, suas mãos estavam quase envolvidas a minha, entretanto, recuei-a. Sua mãe nos observava através do espelho retrovisor, fingia que não, então, peguei-a olhando para nós dois, no que resultou em uma vermelhidão em suas bochechas. Ela volta a sua atenção à estrada.

Mãe do Connor: — Vocês são muito adoráveis juntos.

Meus olhos recorreram a olhar para a janela. Fiquei em choque com tudo aquilo e pela maneira de como ela disse com toda a clareza. O olhar de Connor se encontrou com o meu, a dúvida permaneceu em minha mente.

Connor: — O que você quer dizer com isso? — Saindo do assento de trás e passando para o assento da frente ao lado de sua mãe. Ele olha meio torto para a mãe, como se fosse para que ela não tocasse no assunto.

Mãe do Connor: — Você é louco em fazer isso enquanto estou dirigindo? — Parando o carro na sinaleira, esperando até que o sinal abrisse.

Connor: — Então, o que quis insinuar com isso? — Dobrou o pescoço para o lado, encarando-a.

Mãe do Connor: — Conversamos depois, pode ser? E você sabe muito bem o que eu quis dizer.

Eu não sabia em que lugar me esconder, encontrei-me constrangido diante de tudo o que se passava. Sempre achei que a senhora Jones gostava

de mim por eu ser um amigo de Connor, então vejo que ela mais ou menos meio que previu ou coisa do tipo, que eu gostava de seu filho.

O carro parou de se mover. Havíamos chegado a escola, encontrava-se um pouco cheia do que de costume, bastante alunos na frente da escola, esperando por alguém, ou algum idiota querendo vender drogas escondido.

Ao entrarmos, surgiu na frente de Connor muito rapidamente. Então ele parou sem hesitar. Minha expressão facial mudou completamente, de feliz e de boa, para um toque de sarcasmo, a um rosto duvidoso com às sobrancelhas arqueadas, um sorriso torcido e um tom de voz mais forte do que o normal.

Eu: — O que foi aquilo no carro?

Connor: — Não foi nada de mais, não tem o por que se preocupar. — Engolindo à saliva, tentando esconder algo, porém não conseguia.

Eu: — Contou ou mencionou sobre nós à sua mãe? — Cruzei os braços, esperando à resposta que obvio que supostamente teria algum drama.

Connor: — Tudo bem, vou lhe contar a verdade toda. — Bufando ele entrelaçou os dedos uns nos outros. — Eu conversei sim com ela, e ela entendeu, sabe, ela gosta demais de você cara e tenho a certeza que estaria tudo bem em eu ter tocado no assunto.

Eu: — Você tem a total certeza de que é só isso? Me parece que está um pouco sobrecarregado. — Um sorriso suspeito apareceu.

Connor: — Poxa, como sempre sabe? Não consigo esconder nada de você.

Eu: — Você é um péssimo mentiroso, reconheço esse tipo de pessoa. Primeiro é que você está sempre desviando muito o olhar e segundo, troca de assunto facilmente. — Rindo com um breve som de sarcasmo. — Então, onde paramos? Vai me contar?

Connor: — Prometi que não iria lhe falar nada, minha mãe é muito rígida com promessas. Ela tem medo de que você fique chateado com ela.

Eu: — Por favor, me conte. Vamos direto ao assunto.

Connor: — Ela convidou sua família para jantar na nossa casa esta noite.

Eu: — Espera aí, como assim? — Sentei ao banco que estava em frente a enfermaria, bem no exato momento em que a senhora Leslie retirava um croissant do armário ao lado da escrivaninha velha com uma caixa de esparadrapo. — Quer dizer que...

Connor: — Quer dizer que está tudo bem, ela conversou com sua mãe.

Eu: — Significa que sou um cara morto. — Interrompi todos os meus pensamentos. — Minha mãe deve estar louca com o choque que recebeu. Ela tendo um filho “gay”, que nunca ousou em conversar nada com ela.

Connor: — Muito pelo contrário, ela reagiu de uma forma inesperada. Disse ela à minha mãe que já desconfiava um pouco. Sempre quis que os filhos se sentissem bem, da forma de como eles são e isso nunca significaria um problema para ela. — Connor ajoelhou-se ao chão, tornou a segurar minhas mãos que estava ali presente trêmulas. — Nunca deixarei nada de ruim acontecer com você e me esqueci de dizer, Chris disse que está orgulhoso de você.

Eu: — Agradeço a tudo o que você tem feito por mim. — Abraçando ele ali mesmo ao chão na frente de todo mundo sem problema nenhum. Me fez sentir-se tão bem comigo, mesmo depois de ter levado um susto.

O sinal toca, um som alto e impertinente avisando a todos que é a hora de entrar para as salas. Continuo a andar do seu lado como em todos os anos desde o dia em que o conheci e quando sabia que sentia alguma coisa por ele.

A sala cheia, cada aluno com seu parceiro de literatura. Líamos algum livro do Hamlet ou Shakespeare no qual ninguém fazia a importância de ler se quer no mínimo um parágrafo. Infelizmente meu parceiro foi Craig Lenguês reprovado no ano passado e agora é a porcaria do meu parceiro. Connor não conseguiu fazer dupla comigo. Não sou o único que está presente em sua vida, ele tem seus amigos, eu tenho os meus, não sou o tipo de pessoa controladora que pensa, “Ah, ele só pode ficar do meu lado”, o terno ciumento não existe em meu vocabulário.

Nossos olhos se encontram do meio do capítulo no qual Romeu desiste de viver para poder ficar com sua amada.

A voz suave de Rachel, invadia nos meus ouvidos, uma doce e adorável garota que por seu bom senso, sonha em ter sucesso em sua vida. À cena tratada, lembrava-me do amor que habitava naqueles dois jovens, uma força sem igual, inexistente e pelo fato de que suas famílias sempre foram rivais, contemplaram um fim trágico.

Sinto meu bolso vibrar constante em uma simples sintonia repetidamente. Retiro o celular do bolso com todo o cuidado possível, sem que eu possa ser o centro das atenções da senhorita Peterson. Consigo ver o nome de Connor bem ao centro da tela, sinalizando uma mensagem.

Abro-a discretamente, olho um pouco para os dois lados e vejo Craig me olhando com uma cara bastante curiosa.

Craig: — Tudo bem, pode responder à mensagem, aviso se ela vir para cá. — Sussurrando baixinho ao meu ouvido.

Eu: — Obrigado cara! — Abrindo o aplicativo de mensagens.

Olho ligeiramente, tentando ler o mais rápido, coloco-o o celular embaixo da classe e desligo à tela. Connor riscava algo em seu caderno, sem que exista nenhuma preocupação, acho, que pegamos os dois meninos mais nerds como companheiros.

Começo a pensar um pouco e lembro que sempre que possível estou na casa de Connor ou ele na minha. Quando ele se mudou de Seattle, tinha apenas cinco anos. Não tinha uma opinião própria se queria ou não mudar-se, porém foi ótimo ele ter vindo mora aqui. Nós conhecemos em um playground quando tínhamos seis anos, ainda lembro que foi em um sábado, “papai” disse para minha mãe que deveríamos sair e tomar um sorvete e depois ir ao playground bem próximo de nosso bairro, eu como uma criança, é claro que estava muito contente com aquela ideia.

Chegando ao playground, corri para uma enorme caixa de areia perto dos balanços, foi a primeira coisa em que eu quis brincar. Em uma das mãos um sorvete de baunilha que escorria suas gotas e caíam bem na ponta de meu tênis e na outra um baldinho vermelho comprado em loja de brinquedo.

Um menino quase do meu tamanho aproximou-se de mim, recuei um pouco, eu não o conhecia. Ele sentou-se ao meu lado e sem explicação pegou uma pá enterrada na areia quente, virou-se para mim e sorriu, nesse momento não liguei se ele um estranho em que nunca vi na vida e comecei a brincar com ele. Nossas mães por coincidência, sentadas no mesmo banco, conversavam sobre um novo modelo de cabelo usado pelas celebridades, conversas comuns de mulheres.

Todos os meus pensamentos se voltaram a atenção na sala de aula, parei de pensar em nosso passado, queria pensar em nosso futuro, acrescentar novas memórias a nossa vida juntos. Percebo Connor lançando um olhar impertinente com o proposito em saber minha resposta em relação a mensagem enviada por ele.

Com um gesto simples, avisei que esperasse, demoraria um pouco para responder, então vi ele gesticular os lábios, entendi que seria um pedido de desculpa por insistir tanto. Completei sua frase escrevendo “*para sempre*” em frente ao seu te amo.



Já estava escuro o bastante, o período da noite mostrava-se ao céu. Vesti uma camisa com a figura do mestre Ioda, pois sabia que provocaria a atenção de Connor, por ser apaixonado em Star Wars. Vejo a “mamãe” parada ao lado da porta com o olhar fixado a mim.

Mãe: — Você está muito bonito filho. — Admirada colocou a mão sobre o rosto, escondendo as bochechas rosadas. — Olha como você cresceu tão rápido.

Eu: — Ei, mãe. — Dirigindo-se para abraça-la, então percebo ela limpando uma lágrima que acabará de escorrer perto de sua boca.

Mãe: — Prometa-me, quando você estiver com idade o suficiente, nunca vai pensar em sair de Nova Jersey, e sempre ficará aqui comigo.

Eu: — Não sei como será meu futuro, não tenho planejado nada ainda, mas nunca vou lhe abandonar mãe. — Um abraço grande e apertado foi o que recebi.

Com um sorriso meio triste, a “mamãe” retornou a secar às lágrimas. Inclinou-se em direção a porta, seguia balançando o cabelo ruivo e encachado.

Eu: — Mãe? — O aroma de seu perfume havia ficado em minha camisa, bastante doce, porém cheiroso.

Mãe: — Sim Jamie? — Enrugando o nariz.

Eu: — O que o pai falou sobre?

Mãe: — Depende sobre o que ele falou.

Eu: — Bem, talvez por eu gostar de garotos... Esse tipo de assunto.

Mãe: — Vem aqui. — Ela sentou-se na cama, correu os dedos na colcha. — Olha filho, eu e seu pai amamos muito você e não importa quais decisões faça, nós estaremos apoiando você.

Eu: — Obrigado. Você sabe como ele é importante para mim, agradeço pelo apoio de vocês.

Ela lembrou que teria que colocar os brincos de ouro, que ganhou da vovó antes mesmo dela morrer. Sai pela porta e foi para seu quarto.

Eu: — Mãe.

Mãe: — Pode falar, estou ouvindo.

Eu: — Posso usar maconha? — Segurando as gargalhadas.

Mãe: — Está de brincadeira, né? Isso você não pode usar não mocinho.

Eu: — Ah. — Uma crise de risadas me toma.

Ainda no quarto, verifico algumas mensagens de Connor, não havia visto elas antes. Vejo à tela vibrar, sim Connor acabava de enviar outra mensagem.

Connor: ☞ Você está aí? ☹.

Eu: Sim, sim, estou aqui. Desculpe a demora ☹. Eu estava no banho 🚿.

Connor: Banho, hem? Hum...☺☺.

Eu: Seu tarado sexual ☺☺☺☺.

Connor: Sempre, haha. Ainda estou esperando você...☹️. Estou com saudades ☹️☹️☹️☹️.

Eu: Eu não, nem um pouco 😊.

Connor: Nossa, também te amo ☹️☹️.

Eu: Não está nervoso 😊?

Connor: Por que estaria?

Eu: Meus pais...Seus pais.

Connor: Tenho tudo sobre controle bebê 🤞.

Eu: Como tem tanta certeza?

Connor: Sua mãe aceitou você de boa, seu pai também, então não tem o que temer.

Eu: E você não fica com um pouco de vergonha 😊?

Connor: Vergonha é tempo desperdiçado.

Quando encontrava-se preste a responder, ouço o “papai” nos chamando para ir. Percebo que não havia visto Chris o dia todo, não tenho certeza se ele jantaria junto conosco esta noite. Retorno a responder à mensagem.

Eu: Agora estarei zarpando até sua casa.

Connor: Zarpando né... Engoliu um dicionário?

Eu: Nem te conto. Um enormeeee dicionário.

Connor: Enorme, é 😊☹️? Permanecerei esperando aqui até você vir 🙋.

Eu: Isso já é de se esperar.

Mãe: — Jamie venha, estamos partindo.

Eu: — Espera mãe, já estou descendo.

Olho-me o máximo profundo no espelho. Cresci, foi o que pensei, minhas escolhas, o destino agora, eu que o faço.



Quando chegamos lá, eu conseguia ver o sorriso de todos, como se o motivo de sermos gay, fosse para comemorar. Logo ao entrarmos, Chris chega em seguida.

Chris: — Desculpem meu atraso, a aula da faculdade atrasou um pouco.

Mãe do Connor: — Tudo bem querido. — Sorrindo para ele. — Jamie, por que não sobe lá em cima com Connor!

Eu: — Com certeza, Senhorita Jones.

Era bom ficar sozinho com Connor. Poderíamos esquecer tudo e a todos que mostravam presença na cozinha e sala de estar.

De qualquer forma, o motivo do jantar, não significava apenas “comemorar à nossa saída do armário”, mas reunir nossas queridas amigas ou seja nossas mães.

Quando cheguei à frente do quarto, vi que a porta encontrava-se entreaberta, abri ela lentamente. Ao entrar no quarto, encosto meu corpo contra a porta. Fiquei vendo Connor deitado na cama lendo um livro. Olhei para capa e ela me parecia muito familiar, então lembrei que se chamava *o lado bom da vida*, ele estava com o livro nas mãos e nem percebeu que havia entrado em seu quarto.

Eu: — Que concentração. Parece ser bastante interessante. — Afastando-me da porta.

Connor: — Não tinha visto você aí. — Rindo. — Como percebeu está interessante mesmo.

Eu: — Então, do que se trata, meu leitorzinho? — Seguindo até sua cama, sento ao lado de Connor enquanto ele se ajustava.

Connor: — Tem certeza que quer ouvir mesmo? É um pouco demorado.

Eu: — Tenho todo o tempo do mundo.

Connor: — Conta a história de um homem que tem o problema da bipolaridade, um dia ele chega em casa e encontra a sua mulher no banheiro transando com o professor da faculdade que ela trabalhava, ele surra o cara e vai parar em um hospício, depois de anos ele sai e volta a morar com seus pais, só que ele não pode se aproximar da mulher dele, então ele conhece uma mulher com o mesmo problema dele e assim vai se desenrolando a história. Ainda não acabei de ler, porém deve ser legal o final.

Ei: — Como você adora ler.

Connor: — É um hobbie! — Rindo. — Por que não cola no meu rosto e me beija?

Eu: — Tem que pedir com jeitinho então.

Connor: — Jamie, meu querido e grande amor, no qual, eu amo muito e desde crianças estamos juntos e que sempre partilha sua vida comigo todos os dias, você me daria a honra de um beijo?

Eu: — Insistente! — Deitando ao lado de Connor, com seu corpo quente encostando no meu.

Connor: — Eu ganho pelo menos um? – Fazendo beicinho.

Eu: — Se quiser ainda.

Connor: — Vem aqui logo. — Um abraço foi o que nos fez unir, seus lábios se encontraram com os meus, as nossas bocas se formavam uma só.

Um toque suave percorria o peito todo e espalhavam-se aos meus ombros com uma delicadeza. — Gosto muito da maneira de como você me beija.

Eu: — Posso dizer o mesmo.

Connor: — Quer ficar hoje, aqui comigo? — Com um gesto carinhoso, passava a mão em meu cabelo, tornava a noite muito especial, me fazia feliz.

Eu — Se não for te atrapalhar em nada.

Connor: — Qual foi a vez, em durante dez e longos anos, você me incomodou? — Encarado como se estivesse disposto a começar uma discussão.

Eu: — Mas não é nada como antes, agora, estamos juntos, nossos pais sabem, eles vão tomar mais cuidado, você sabe né.

Connor: — Isso não importa. Só lhe fiz uma simples pergunta. Quer ficar aqui comigo ou não? — Bastante sério, ele não resistiu em dar um breve sorriso.

Eu: — Fico com uma condição. — Aproximando nossas bocas.

Connor: — O quê? Não venha com piadas.

Eu: — Só fico se tirar essa expressão manhosa da cara.

Connor: — Já veio a piadinha. — Segurando nossas mãos contra seu peito.

Eu: — Sei que você gosta. Não consegue resistir. — Tentei puxar ele para que se levantasse e ficasse de pé, porém, meu corpo caí sobre ele.

Ele solta um gemido um pouco forte, no qual me fez ficar preocupado. — Desculpa. Eu te machuquei?

Connor: — Não, haha. Seu bobo. — Sorrindo.

Eu: — Senti que você soltou um gemido bastante forte. — A mão posta no seu peito. Cada batida, ele sentia o meu toque, sabia como tudo aquilo estava perfeito para nós dois.

Connor: — Sério mesmo, está tudo bem. — Quando você percebe que tudo está indo bem, os dois parceiros demonstram um para o outro todos os sentimentos que estão se passando em seus corações.

Nossas mãos como peças de quebra-cabeça estavam juntas. Os lábios bem próximos, não tinha como resistir a não beijá-lo.

Com nossas bocas juntas, ouvi passos surgindo na escada. Escuto o som de batidas na porta do quarto.

Chris: — Vocês ainda estão vestidos? — Ainda fora do quarto.

Eu: — Claro né. — Olhei para Connor.

Chris: — Connor, sua mãe pediu para que você descesse.

Connor: — Tudo bem! Obrigado por avisar. — Não pensou duas vezes e levantou. Segui junto dele até a porta, Chris me interrompeu de segui-lo. — Vou deixar você conversarem.

Eu: — Obrigado.

Via ele se afastando, descia às escadas até entrar na sala de estar. Chris virou para mim e me encarrou, não com raiva e sim com dúvida.

Eu: — O que foi? Fiz algo errado?

Chris: — Ainda não! — Posiciona à mão em meu ombro esquerdo e suspira.

Eu: — Fala logo. — Afrontei ele de frente.

Chris: — Tenho à total certeza de que você vai dormir esta noite aqui. Então, você trouxe preservativo?

Eu: — Ei, ei, para. — Virei de costas para que ele não visse minha cara de vergonha.

Chris: — O quê tem? Acha que eu não sei que você já pendeu sua virgindade. Muito pelo contrário, se tornou um homem, suas atitudes mudaram, vejo um “eu” dentro de um você agora, menos a parte de ser hétero e ser 10 cm mais alto que eu, é claro.

Eu: — Agora sei de onde eu puxei, quando se trata de fazer piadinhas. — Um imenso prazer se ilustrava em meu rosto.

Chris: — Não estou fazendo piada nenhuma, eu só... — Uma melodia invade a minha alma interrompendo o restante da fala de Chris. Algo simbólico e melódico, pensei na hora, haviam colocado algum “CD” com músicas clássicas eventualmente tocadas por um piano exuberante que propagava cada nota delicada e bem tocada em meus ouvidos. À medida que às notas se alastravam pela casa, uma voz surge junto com a sinfonia da música, reconheci a voz sem o mínimo esforço.

(Música tocada ao piano por Connor)

How can just let you walk away?

(Como posso deixar você ir embora?)

Just let you leave, without a trace

(Partir assim, sem deixar sinal)

When I stand here taking every breath with you ? (ooh, oh)

(Se estou aqui, suspirando o tempo todo por você?)

You're the only one, who really knew me at all

(Você é a única pessoa que me conheceu de verdade)

How can you just walk away from me?

(Como você pode se afastar de mim?)

A voz de Connor me arrepiava totalmente. Eu estava perdido com o doce canto que vinha do andar de baixo.

Minha mão deslizava, quando percorria o trajeto do corrimão da escadaria enquanto descia suavemente.

A claridade do andar de baixo, parecia mais fraca, a visão ainda permanecia se acostumando aos poucos. A música não parava, cada palavra cantada, mostrava-se esplêndida.

When all I can do is watch you leave?

(Se só posso ficar olhando você partir?)

'Cause we share the laughter and the pain

(Porque nós dividimos o riso e a dor)

And ever shared the tears

(E até dividimos às lágrimas)

You're the only one, who really knew me at me

(Você é a única pessoa que me conhece de verdade)

Meus olhos fixaram no piano e também no pianista. Ao notar a minha presença ao seu lado, ele se virá em direção a mim, ele estava cantando somente para mim. O brilho dentro de seus olhos, contagiaram a mim. Cada expressão facial enquanto ele cantava uma frase atrás da outra. Ele me olhou bastante sério e cantou:

So, take a look at me now

(Então, olhe para mim agora)

Well, there's just an empty space

(Tudor o que existe é um espaço vazio)

And there's nothing left here, to remind me

(Não tem mais nada aqui que me faça lembrar)

Just the memory of your face

(Só a lembrança do seu rosto)

I wish I could just make you turn around

(Eu queria poder fazer você vir para cá)

Turn around and see me cry

(Virar e me ver chorar)

There's so much I need to say to you

(São muitas as coisas que preciso dizer a você)

So many reasons why

(São muitos os motivos)

You're the only one who really knew me at all

(você é a única pessoa que me conhece de verdade)

So take a look at me now

(Então, olhe para mim agora)

Well, there's just an empty space
 (Tudo que existe é um espaço vazio)
And there's nothing left here to remind me
 (Não tem mais nada que me faça lembrar)
Just the memory of your face
 (Só a lembrança do seu rosto)
Now take a look at me now
 (Olhe para mim agora)
'Cause I'll still be standing here
 (Porque eu continuo aqui)
And you coming back to me is against all odds
 (Você voltar para mim é totalmente improvável)
It's the chance I've gotta take
 (É um risco que eu tenho que correr)
So take a look at me now (whoa, oh, ooh,)
So take a look at me now
 (Então, olhe para mim)
 [Aplausos] 🖐

Eu: — Isso foi tão lindo.

Connor: — Obrigado. Só queria dizer o que estava sentindo.

Eu: — Bastante tocante.

Connor: — Essa era a razão. — Sorrindo de lado.

Mãe: — Eu gostei!

Pai: — Você parecia um profissional.

Connor: — Obrigado, foram muitas e repetitivas aulas de piano, mas valeram a pena.

Mãe do Connor: — Bob e eu incentivamos muito Connor a aprender sobre todos e tudo, inclusive às artes. Desde os 5 anos ele tem aulas particulares.

Eu: — Só fiquei sabendo disto agora, como se fosse uma surpresa. Olhei para Connor ainda com o sorriso torto. — Por que nunca me contou?

Connor: — Como você mesmo disse, foi tudo uma surpresa. — Apenas um sorriso passageiro apareceu.

Mãe do Connor: — Meus queridos vamos todos para a mesa de jantar. Sintam-se em casa e apreciam sem nenhum receio.

Todos na mesa, é exato que encontrava me ao lado de Connor. Risadas mostravam presença na mesa, histórias vividas por mim e Connor quando pequenos ☞ (Obs. achei essas historias desnecessárias, só nos

constrangem diante um do outro, contudo, fazer o quê né? Mães são mães).

Exatas 22:18 meus pais estavam prestes a ir para casa, até que Connor resolveu ir pedir a permissão para que eu ficasse essa noite com os Jones. Concordam balançando a cabeça.

Mãe: — Vocês se comportem. Boa noite meninos

Pai: — Bom noite. E o jantar estava fabuloso!

Mãe do Connor: — Que nada, foi algo simples.

Pai: — Tudo perfeito. — Rindo.

Mãe: — Já vamos indo, obrigado por tudo.

Mãe do Connor: — Eu agradeço.

Quando meus pais foram embora, Sra. Jones colocou todos os pratos e talheres na lava louça e direcionou-se para seu quarto. Sozinhos estávamos nós na sala. Todo o ambiente escuro, conseguia ver parte de seu corpo, não detalhes, mas ainda assim conseguia ver.

Sentados no sofá Connor me encara e diz:

Connor: — Que tal assistirmos um filme e ficarmos bem juntinhos por esta noite?

Eu: — Por mim qualquer coisa basta, o importante é estar a cada segundo aqui com você. — Peguei sua mão gelada, segurei-a bem firme com a minha, para que o calor de meu corpo pudesse aquecer ela.

Connor: — E eu quero passar também todo o meu tempo com você, não conhecemos o destino, esse cara é bastante sacana e adora pregar peças nas pessoas. — Ao se levantar ligou o interruptor, acendendo e dando clareza a sala. — Vamos fazer assim, eu vou lá fazer pipoca no micro-ondas, enquanto eu lhe dou total e acesso a escolher um filme da sua escolha, fica por sua responsabilidade.

Eu: — Olha, me deu confiança total, estou gostando disso. — Rindo.

Connor: — Vai escolhendo que eu vou lá. — Ele juntou nossos rostos tocando seu nariz no meu nariz fazendo o movimento da direita e para a esquerda e vice versa. Beijou minha boca rapidamente e foi para a cozinha.

Se eu falar que a sala da casa de Connor parece uma locadora de DVD's e Fitas VHS vocês não vão acreditar, mas podem acreditar sim. Vários e vários DVD's, a primeira prateleira preta seria os filmes de terror, todos os tipos, de 1950 até 2014. A segunda prateleira tinha a cor laranja, indicava ser os filmes de Ficção científica. Ali estava um bilhete escrito em 7 boxes de DVD, “ **Não tocar em nenhum! Reservados e só com a autorização de Connor**”, com toda a certeza, esses seriam os DVD's de Star Wars, resolvi não tocar em nenhum. A próxima prateleira dizia:

“Musicais da época dos meus pais, só assista se você tem mesmo aquela vontade de dormir. Recomendando o que dá mais sono, o filme

os embalos de sábado à noite.” Ao lado do bilhete de Connor havia outro escrito, neste dizia:

“Connor, pare de nos chamar de velhos, musicais são maravilhosos e John Travolta está bem atraente no filme.”

A quarta era a essencial para está noite, a prateleira era dourada, o que significava filmes de comédia. Sabe como sei de tudo isso? É que ao lado da prateleira, pendurando na parede, há um quadro dizendo o significado de cada cor, legal não é? Se não fosse o quadro estaria totalmente perdido. Passando o dedo pelo nomes dos filmes, no qual a maioria deles tinha o nome do ator Adam Sandler, achei um filme que eu assisti umas 10 mil vezes, mas eu queria assistir novamente. ***Mean girls*** (Meninas malvadas), um dos melhores filmes. Coloquei o CD no DVD, o menu apareceu, o som do micro-ondas apitou avisando que a pipoca já estava pronta. Connor fazia bastante barulho na cozinha, quando ele chegou na sala, sentou no sofá e viu aquele menu.

Connor: — Ah não, não, não, não, não, não. — Apontando para a TV.

Eu: — O que foi? — Uma cara de espanto me pegou.

Connor: — Meninas malvadas não!

Eu: — Por que não?

Connor: — Porque assim parecemos mesmo aqueles casais bem gays.

Eu: — Você está louco carinha? Meninas malvadas é o melhor filme de todos os tempos, envolve vingança, brigas, bailes, romances.

Connor: — Definitivamente somos um casal muito, muito gay, até soa engraçado quando falo casal gay.

Eu: — Fica quieto e aprecie a obra que este diretor maravilhoso fez. — Peguei bastante pipoca e coloquei na boca dele para que ficasse quieto.

Connor: — Ah é? É assim que me trata? — Falando com a boca cheia de pipoca, me empurrou no sofá e deu risada. Ao me ver deitado no sofá, ele sobe em cima de mim, tocava meu rosto, ria conforme o filme ia decorrendo. Eu gostava da forma de como ele me beijava, minha boca descia de seus lábios até seu pescoço, sua mão descia até meu peito, ele me abraçava forte.

Eu: — Eu te amo.

Connor: — Te amo mais.

Eu: — Viu como o filme não é tão ruim.

Connor: — Lógico que é, a melhor parte é ver a gata da Lindsay Lohann.

Eu: — Agora você quer dar o troco né. — Derrubo ele do sofá. — Deixa eu ser um menino malvado com você?

Connor: — Vem cá. — Me puxou para cima dele. Me rolou ao chão, subindo em cima de mim, tirando minha camisa e eu tirando a dele. Ele

me vira contra o chão, começo a sentir sua boca percorrendo pelo meus ombros, descendo para o meio das costas.

A mão elevada mais para baixo, ele sente a necessidade de tirar minha calça. Sentado no sofá, Connor segura meus braços para me erguer. Me acomodo colo dele, ponho meus braços ao redor do pescoço de Connor, abraçando e me beijando com tanto carinho, a ternura que ele me passava, aqueles sentimentos fortes, não só no coração e também dentro das calças ou nesse caso, na cueca.

Connor: — Vamos subir lá para cima, ficar juntinhos sem que ninguém possa nos ver e nos incomodar neste momento incrível que passo com você.

Eu: — Já me ganhou no momento que disse em ficarmos juntinho.

Fazíamos silêncio ao subir os degraus da escada para que ninguém ouça a gente. Levamos conosco nossas roupas e ao mesmo tempo, Connor apertava minha bunda, é claro que eu não fiz nada para interferir.

No corredor que ligava os quarto, percebemos que a porta do quarto da mãe de Connor se abre. Nossos olhos ficaram espantados com toda aquela cena constrangedora.

Mãe do Connor: — Juro que não vi nada meninos. — Fechou a porta, e conseguimos os ouvir as risadas atravessando por atrás da porta.

Eu: — O que foi isso? — Nós nos entre olhamos.

Connor: — Algo bastante sinistro.

Eu: — Vamos logo para o quarto antes que o próximo a nos ver neste estado seja seu pai.

Connor: — Te dou toda a razão. — Rindo.

A noite se mostrava especial, o pacote veio conforme a encomenda. Passamos a noite juntos, felizes e gratos um pelo o outro.



Toda a semana seguiu normalmente, íamos para a escola, um dormia na casa do outro como sempre, comecei a ir com mais frequência a biblioteca com Connor, um grande amor verdadeiro, como sempre Connor diz:

“O amor é um jogo, jogado por dois”

Exatamente no dias dos namorados, Connor me ligou e me chamou para sair, não como um encontro onde o casal usa um terno, o modo em que a gente dizia encontro, era como (ficarmos sozinhos em algum lugar, conversando, também um lugar em que possamos demonstrar nosso amor um pelo outro). Ele disse que onde iríamos é um dos seus lugares prediletos, ele nunca falou para ninguém porquê dizia que é um lugar de paz e silêncio e não queria estragar toda essa magia. Gostei muito de toda

a confiança em que ele tem depositado em mim, tudo indica que ele me ama de verdade.

Ele havia me pegado em casa com o carro da mãe dele e passado na minha casa para me buscar, tinha tirado a carteira há um mês e agora estava experimentando um pouco. Chegamos à uma reserva da cidade, com algumas mini montanhas, um lugar bem legal, e com um nome diferente (**sound of crystals**), um nome exótico.

Eu: — Qual a história por trás desse nome?

Connor: — Da reserva? Você vai descobrir em alguns instantes que formos ao meu lugar secreto. — O carro acabava de entrar em uma estrada de chão.

Eu: — A ansiedade é imensa.

Connor: — Você vai gostar Lindsay Lohann. — Seu tom de sarcasmo se mostrava imenso naquele dia.

Eu: — Ainda está me zoando por causa daquele filme?

Connor: — Eu não. Por que você acha? — Rindo como uma criança, até que ele parou o carro.

Eu: — Não vou dizer mais nada.

Connor: — Você fica vermelho quando fica bravo.

Eu: — Não estou bravo.

Connor: — Aham! Deu para perceber.

Eu: — Vamos ir logo.

Alguns segundos de silêncio, então saímos do carro. Depois de trocas de olhares, ele segurou minha mão, e sorria, não existia nada que pudesse apagar toda a empolgação que Connor mostrava e contagiava à todos.

Connor: — Só me segue, sei que vai ser algo simples, mas quero que você experimente todas as sensações maravilhosas que eu puder lhe proporcionar, tornar tudo o que você sonha em realidade.

Eu: — Não me faz chorar.

Connor: — Então esse choro vai ser de alegria, esse choro vai ser por mim, e que ele seja por cada momento no qual pude te fazer feliz.

Eu: — Eu te amo, amo, amo.

Connor: — Eu te amo, “amor” é uma palavra simples para tudo o que criamos juntos. — Paramos em uma montanha não muito alta, com uma vista magnífica. — Chegamos querido.

Eu: — É aqui o lugar?

Connor: — Sim, quero ficar aqui com você, tudo o que passaremos vamos superar.

Eu: — Sim. — Um som familiar habita meus ouvidos, como se fosse aqueles pós de fadas que fazem aqueles barulhinho nos filmes, ou nos

contos de fadas, quando a fada madrinha usa sua varinha de condão e faz aquele som adorável. — Você está ouvindo este som adorável?

Connor: — Agora entendeu o motivo do nome! É como se cristais, milhões e milhões produzissem um som mágico. — Abaixou e sentou ao chão, em seguida eu sentei junto na sua frente entre suas pernas. Seus braços ao redor de minha barriga, ele me abraçava.

Eu: — Posso tocar sua face amor?

Connor: — Você sabe que sempre pode.

Eu: — Obrigado. Por favor feche seus olhos e deite ao chão.

Connor: — Tudo bem.

Ele fez o que eu havia dito, deitou sobre a grama bem verdinha, fechou os olhos e esperou meu toque. Com as costas da mão fazia um movimento leve em seu rosto, horizontal e vertical, alguns sorrisos apareciam. Eu sorria juntos. Sem mais delonga deitei ao seu peito, o coração acelerado, não conseguia resistir a ficar sem me beijar.

Connor: — E eu, posso te beijar?

Eu: — Toda vez que quiser. — Frente à frente sentíamos o hálito e a respiração um do outro. Face na face, coração em um só coração, estamos tão perto. — Me promete uma coisa?

Connor: — Tudo o que quiser.

Eu: — ***“Mesmo que o céu esteja escuro, com trovões anunciando uma grande tempestade, e eu não puder segurar sua mão para que você se sinta seguro e ao mesmo tempo espantar seus medos, lembre-se, que depois da chuva surgirá um arco-íris, então, estarei sobre ele olhando e torcendo por você”.***

Connor: — Amor isso foi lindo, te quero para todo o sempre, ter uma casa, ter quantos filhos você quiser, andar pelado em casa, mas quero você sempre comigo.

Eu: — Você é o meu carinha.

Connor: — E você o meu.

Não percebemos o tempo passar, não ligamos para nada, só nós, nossos corações, paixões e emoções, nem todo garoto tem sentimentos, no entanto a conexão que tínhamos criado, se mostrava forte, inimaginável.

Ceguei em casa por volta das 19:30. Chris na sala assistindo velozes e furiosos, o pai no escritório como sempre fazia todas as noites, e a “mamãe” trocando mensagens na cozinha com a vovó Glinda. Fiquei com sono e resolvi ir dormir e foi no outro dia em que recebi à notícia que destruiu minha vida: **“Connor deixou o país com seu pai.”**



No outro dia, resolvi fazer uma surpresa indo até a casa de Connor. Quando cheguei lá, sons de choro anunciavam presença vindo de dentro da casa. Bati na porta, passos se dirigiam a porta, avistei a Sra. Jones com os olhos vermelhos e inchados.

Eu: — Sinto muito, vim em má hora?

Mãe do Connor: — Não, isso refere-se a você também, eu queria te ligar, mas achei que você viria vir aqui hoje.

Eu: — O que foi Sra. Jones?

Mãe do Connor: — Por favor entre!

Eu: — Tudo bem. — Ela pediu que eu entrasse e se sentasse no sofá.

Mãe do Connor: — É sobre Connor!

Eu: — Não me diga que aconteceu algo com ele! — Gritei assustado.

Mãe do Connor: — Não, não é nada disto. — Cruzando os dedos.

Eu: — Por favor fala logo.

Mãe do Connor: — Connor foi embora. — Ela estava chorando muito, em prantos.

Eu: — Como assim, embora? — Chorando junto.

Mãe do Connor: — Quando os papéis do divórcio chegaram, Bob resolveu que iria embora para o Brasil e então veríamos com quem ficaria a guarda e eu a perdi, eles foram ontem à noite, apressados. — Ela me abraçou, doía muito, eu não conseguia acreditar em todas as informações que estava recebendo.

Pegava-me a pensar em Connor naquele momento e na música que ele tocava no piano na semana passada. Tudo girava, eu gritava e chorava. Tentei fazer contato com ele, contudo às tentativas foram em vão. Corri até a minha casa, tranquei a porta, minhas pernas fracas caíram ao chão, a dor me consumia, eu não queria dizer adeus. Como ele foi embora sem mim, me deixou aqui? Entrei em pânico, não conseguia respirar direto, o suor, às lágrimas. Me encontrei deitado ao chão, chorando e chorando, toda aquela dor se espalhava em forma de lágrimas.

Foi assim que perdi Connor, eu queria ele de volta, queria ele comigo, me dizendo o que fazer, todas minhas esperanças morreram junto comigo.

DEZ

"DIGA ALGO"

Sempre que cometemos um erro, somos julgados eternamente. Isso provoca um desamparo, é o mesmo exemplo de se levar um soco no estômago.

E agora, vou ficar aqui, no meu antigo quarto, com aquele papel de parede dos quadrinhos do lanterna verde, ouvindo sem parar a música ***Say Something*** no iPod, junto com minha esperança de que Jeremy vai me ligar e dizer que me ama e nada importa tudo o que as pessoas falem sobre nós.

A bateria do iPod acabava de terminar, coloco ele na minha antiga prateleira onde ficava meu notebook. Decido ir até a cozinha, o som de talheres se movimentavam com velocidade, eu não sabia ao certo o que estava acontecendo, em minha cabeça se passava duas alternativas:

() O jogo de bingo das "senhoras da terceira idade" (não contam sobre isso para ninguém), uma pequena diversão de minha mãe e das amiguinhas do bairro.

(X) Ou o preparo da torta maravilhosa e a receita secreta da vovooooooooooooooooo passada por uma imensa árvore genealógica da nossa família, que ficou famosa pelo seu sabor incondicional e único.

Dona Rose sente minha presença na cozinha, acena para que eu me aproxime mais, com pouco de timidez, liberei-me aos poucos e fui indo e indo.

Mãe: — Você já está melhor? Faz um mês que você está assim e como sou psicóloga, eu entendo sobre lidar com sentimento das pessoas.

Eu: — Claro que sim mãe! Você sempre me entende, e sabe a mesma situação presenciada por Connor. Isso é uma maldição jogada em mim?

Mãe: — Filho, olhe para mim. — Erguendo minha cabeça. Fazendo me sentir um campeão. — Olhe, nos meus anos de psicologia, pude ver muitos casos igual o seu.

Eu: — Acredito em você, no seu trabalho. E tudo que aconteceu comigo? Muito inconveniente, não acha?

Mãe: — Não assim bebê! Vou te contar algo.

LEMBRANÇA

"Foi no primeiro ano do ensino médio. Eu fui a primeira mulher a ser representante de classe naquela escola, na qual hoje você estuda. Eu já gostava de "ajudar" às pessoas com repostas simples, porém eu não me ajudava muito. Na minha sala havia um menino chamado Josh, tinha uma certa queda sobre ele, só que ele não era o homem ideal para mim. Todas as coisas que ele defendia eram contrárias as minhas teorias. Resolvi esperar o tempo que fosse e logo após entregaria meu coração.

Logo após um ano, um novo aluno entrou na minha sala, meio tímido, cabelo encaracolado, sentou na classe da frente. Perdido soava como um pequeno apelido. Em instantes a professora chamou ele para frente da lousa.

Professora: — Por favor, venha até a lousa e se apresente.

Aluno: — Bom dia, meu nome é Nicolas Montez e venho da High School Bins, tenho 16 anos e moro no centro de Nova Jersey."

Eu: — Espera! — Apontando a palma da mão para frente. As amoras já moídas no triturador, agora o que faltava são as misturas secretas da "mamãe".

Mãe: — Não me diga que já contei essa história!

Eu: — Não, não é isso!

Mãe: — Então...

Eu: — Ouvi falar Nicolas Montez. Está falando do papai?

Mãe: — Sim seu pai, porquê?

Eu: — Pensei que conheceu o papai depois que se formou em psicologia.

Mãe: — Quem dera, mas aí eu não teria vocês.

Eu: — Mas o que quis dizer com essa longa história?

Mãe: — Quis mostrar que não importa o tempo que demore, as coisas vão se ajustar.

Eu: — Obrigado. — Trocamos abraços com muitos sorrisos. Necessariamente sou um completo sentimental, o que faz de mim, gayzão.

Mãe: — Tome um café, a máquina está ali ao lado do micro-ondas. — O cheiro fluía em todo o espaço, agradava meu olfato.

Eu: — Vou sim! E obrigado por tudo mãe.

A chuva iniciou no mesmo tempo em que liguei a máquina de café expresso. A cozinha com um calor agradável. Eu posso pedir algo melhor do que a presença da minha mãe? Claro que não! Com a xícara posta na

máquina, o café descia enchendo aos poucos igual a rotação do planeta terra. Pronto. Já tinha meu café sobre a mão.

Conduzi a xícara sobre a mesa perto de minha mãe, parecia que a chuva me chamava para ir até ela de alguma maneira. Enquanto notava às gotas fluindo, pensei que poderia sair um pouco, sentir o vento no rosto, como fazia na época em que eu fui criança.

Peguei uma capa protetora de celular, também uma grande capa preta para mim. Pus os fones de ouvido e comecei a correr pela vizinhança.

Todos os lugares estavam igual como sempre, à praça com os mesmos brinquedos em que um dia fui feliz. O senhor e a senhora Noris carregavam cestas de compras da mercenária, subiam às escadas e a idade deles nem se fala. Um antigo teatro em que assisti a peça "O mágico de Oz", infelizmente acabou sendo demolido há dois anos, lá chorei pela primeira vez e achei muito comovente à peça, na verdade eu só tinha seis anos.

A próxima rua possuía excessivas lembranças de Connor, supostamente a casa dele estava no mesmo lugar, do jeito que ela perpetuamente se constituía. Sra "Jones" até este momento habita o mesmo lugar. Prezo com ela todos os laços criados. Todos os meses no qual ela pode, visita Connor, nunca toquei no assunto para poder saber como ele está ou algo do gênero.

Gotas e gotas de chuva expandiam espalhadas em meu rosto. Me Divertia com a vida, a natureza, sou louco, louco por felicidade e também maluco por fazer com que todos ao meu redor se tornem loucos comigo, sem riscos nenhum.

Um carro para ao meu lado, um pouco de água molha minha capa graças a pressão e velocidade da terra. Não me preocupei e continuei correndo, o som do carro deu início de novo, a buzina tocava. Paro mesmo assim achando ser algum engano. Olho um pouco de lado, sem dar suspeitas da espionagem. Reparo no carro, um modelo cinza "e" o carro de Jeremy. Que droga. A janela se abre. A forma do rosto se torna clara.

Jeremy: — Ei, entra aqui! — Olhos avermelhados, seu cabelo mal cuidado.

Ignorei. Acelerei os passos, um por um, passando pelos correios, supermercado, à farmácia e Jeremy seguia impertinente.

Jeremy: — Por favor entra, vai? Você já é bem crescido, não faça manhas.

Eu: — O que você quer? — Parei ao lado de um poste, uma mão na cintura e outra naquele poste cheio de plantas molhadas e asquerosas.

Jeremy: — Quero você.

Eu: — Decidiu isso agora? Um mês depois. Depois de todo aquele drama por causa de um beijo?

Jeremy: — Olha eu sinto muito! Agora por favor entra aqui.

Eu: — Cinco minutos. — Com toda honra ele abriu a porta do carro, meio insistente da parte dele. — Comece a falar.

Jeremy: — Certo! Eu fui um ignorante, está satisfeito? — A voz ríspida tornava à aumentar seu tom.

Eu: — E você não mudou nada

Jeremy: — Sempre julgando o caráter.

Eu: — O Jeremy que eu conheci, o cara pelo qual criei um sentimento não se encontra presente em você, nem uma gota de esperança, não espero que me beije como na noite chuvosa daquele sábado.

Jeremy: — Não basta eu ter vindo lhe procurar? — Ofegando com rancor.

Eu: — Um mês! O motivo de estar aqui, só pode resultar em suas "necessidades masculinas", como um vício, que provou mais uma vez ser mais forte que você e está disposto a tornar possível de sentir a sensação novamente.

Jeremy: — Que drama. — Desviando o olhar.

Eu: — Cara se toca, não sei mais quem é você!

Jeremy: — Só me dê apenas mais uma chance.

Eu: — Eu não acredito em histórias de segundas chances.

Jeremy: — Não finja ser vítima. Sempre soube das condições, nunca quis causar tudo aquilo, você meio que cooperou para acontecer.

Eu: — Admito, errei e errei muito. O que vou fazer se tens todas às razões para me julgar?

Jeremy: — Não estou aqui para julgar e também não para ser julgado. Posso ter certeza que você gosta de mim e te fiz esquecer aquele, como é o nome dele? Connor?

Eu: — Por que se refere à Connor?

Jeremy: — Você sabe, todas coisas que você disse em relação a ele.

Eu: — Droga! — O rosto com os braços cruzados ficavam no painel do carro. — Estamos tentado conversar e do nada toca no assunto de Connor? Ah para!

Jeremy: — Desculpe, desculpe. Vamos para casa!

Eu: — Você sabe, quero muito ir. Mas...

Jeremy: — O quê? Mas, o quê?

Eu: — "*Vamos colocar uma pedra no passado?*" Esquecer a droga daquela noite.

Jeremy: — Quero tentar, então, eu olho para você.

Eu: — Te amo muito, só pensa nisso por favor.

Jeremy: — Vem comigo? Fazemos uma janta para você e para mim! O que acha?

Eu: — Tudo bem!

Jeremy: — Agora vamos pegar suas coisas na dos seus pais.

Eu: — Não! — Com uma expressão negativa. — Deixa, eu vou sozinho.

Jeremy: — Se você ainda não percebeu, veja o quanto está chovendo lá fora. — Apontando para a janela cheia de água escorrendo.

Eu: — Vim assim na chuva e volto assim.

Jeremy: — A decisão é sua! Teimoso como sempre. — Senti um tom de ignorância.

Eu: — Sorria um pouco, isso faz bem para você.

Jeremy: — Vai lá então.

Eu: — Prometo não demorar.

Jeremy: — Espero!

Encarei-o de frente. O rosto dele estava sério. Eu gostava muito dele e não posso deixá-lo fugir de mim.

Tentei beijar ele, só recebo uma virada de rosto.

Jeremy: — Agora não, não é o momento.

Eu: — Entendo. Já estarei em "casa".

Quando olho para as pessoas, vejo sempre o melhor lado delas, mesmo quando são duras e ingratas ao mesmo tempo.

Com toda a situação, ainda me consigo me reerguer e deixo de demonstrar os sentimentos preservados dentro de mim. Força pode ser a palavra que me define.

A chuva se obrigou a não continuar, o sol aos poucos surgia, guarda-chuvas cada vez mais fechados, alegria de uns, tristeza de outros. Próxima rua (casa dos pais). Entrei pelos fundos para não fazer sujeira alguma e não causar mais esforço para a "mamãe". À medida que subia às escadas, percorria outro risco com Jeremy, um risco que eu queria correr. Peguei minha mala novamente e voltei para casa, uma escolha difícil, mas foi o que fiz.

Só de olhar para aquela casa novamente como de costume, lembrava de todas as memórias formadas por nós dois. Se eu ficava triste? Algumas vezes.

- a) *Ficar com Jeremy na cama conversando com ele por horas e horas. — Momento Feliz 😊*
- b) *Uma vez os amigos de Jeremy vieram até nossa casa e então ele pediu para que eu fosse até a cidade vizinha, comprar*

suplementos, mas sei que foi só uma desculpa de me fazer ficar fora de casa durante aquele período. — Momento Infeliz ③

- c) *Gostava muitos dos domingos em que ajeitávamos casa juntos, depois jogávamos SongPop ou cantávamos no Karaokê, logo após eu sentava em seu colo com um pote de sorvete e assim seria nosso dia. — Momento Glorioso*
- d) *Uma vez os pais de Jeremy fizeram uma surpresa e foram jantar, quando eles perguntaram sobre mim, ele disse que eu morava ali como colega de futebol e dividíamos a casa. — Momento "sendo usado".*

A questão é, eu nunca sei o que se passa naquela pequena caixa de memória, que me fazia ficar atormentado. A porta se abria, em questão de segundos um cara com uns vinte e oito anos, alto, com um corpo grande, semelhante ao de Jeremy, cabelo moreno e uma barba bem feita e seus olhos brilhavam como um holofote. Saiu de dentro sem mais delonga, lançou um sorriso meigo para mim e acenou. Não fazia mínima ideia de quem ele era, retribui o aceno. Se afastando contra o leste da rua, eu observará partindo. Quem seria aquele garoto bonito e charmoso? Fazia algo ali dentro? Jeremy e ele? Sozinhos? Imagens atormentam os pensamentos.

Quando entrei sem pedir licença claro, um cheiro magnífico alastrava brincando com o ar. Potes, talheres e panelas pareciam dançar em perfeita sinfonia na cozinha.

Eu: — Precisa de ajuda?

Jeremy: — Falei que só eu iria cozinhar, então, eu vou cozinhar. — Ouvía as risadas batendo igual ao eco, batia na parede e logo após empurrada à sala de estar. — Vem aqui comigo.

Eu: — Se conheço você bem, acredito que você não manda bem na cozinha.

Jeremy: — Vai joga na minha cara? — As luvas nas mão tinham o formato de meias de natal quando penduradas na lareira.

Eu: — Não opinarei! Porém não prefere uma pizza? — Encarando aquele macarrão com almôndegas enormes e molhadas, dizendo "socorro, o molho de tomate está nos afogando".

Jeremy: — Você é tão exigente! — Largando de maneira forçada a vasilha de cenoura e alface na mesa de mármore. Uma das folhas voou longe, batendo na porta. — Eu faço de tudo para lhe agradar e isso é o que recebo? Faltei ao treino apenas na chance de ficar com você. Planejo um jantar, "coisa na qual eu não sirvo", sempre foi você que cozinhou e

você fica criticando e dizendo que não sirvo nem para fazer a porcaria de um macarrão!

Eu: — Olha, olha, não quis dizer isso... — Fui até ele na tentativa de melhorar às coisas. Dei um abraço apertado, beijei seu pescoço tentando reduzir a raiva dele. A barba ruiva escura dele me fazia cócegas. Ele me colocou em cima da copa quase derrubando aquela vasilha de " macarrão com almôndegas". Talvez ele caiu nos meus encantos e eu acabei fazendo ele esquecer das bobagens que havia acabado de dizer.

Jeremy: — Você me excita! — Disse ao mesmo tempo que tirava a camisa social branca de cetim. Seus dedos estavam profundamente entrando dentro da minha cueca.

Eu: — Não, não, espere um pouco. — Segurando parte da camisa na qual os botões ainda não haviam sido removido dos buracos. — Você teve tanto trabalho para cozinhar. Devemos comer um pouco.

Jeremy: — Seria um desperdício mesmo se não provarmos dessa obra prima da culinária ainda não descoberta.

Eu: — Como aprendeu cozinhar?

Jeremy: — Assisti programas culinários de madrugada. — Pôs uma faca na mão.

Eu: — Ficar assistindo durante à madrugada e um programa culinário? Essas semanas caíram bem a você. Você pode fazer isso mais vezes, sabia?

Jeremy: Fui forçado aprender o básico. Cansei de tanto fast food e também algo faltava, tipo o gosto do orégano em toda comida que você coloca.

Eu: — *"Parece mesmo que sentiu falta dos meus dons culinários".*

Jeremy: — Não sei qual o pior, o ciúmes da comida ou ter ciúmes de você.

Eu: — Aprenda conviver com os dois.

Ninguém reclamou de uma simples pitada de sal ou orégano. Nossos pensamentos mantinham-se na plena harmonia. Sim, assuntos inadequados perdiam espaço entre à vasilha de salada e desviava das bocas risonhas. Uma música baixa tocava lentamente vindo da sala de estar, algo relaxante, som puro e letra adorável.

Após toda bagunça espalhada na cozinha voltar no devido lugar, corpos cansados jogados na cama, igual a duas Barbies imóveis. O silêncio tomou forma no quarto.

Eu: — E o treino, como está? — Segurando sua mão. — Quero muito ver você jogar.

Jeremy: — Qual o interesse repentino? — Virou-se na direção do meu rosto no lado direito da cama e riu de maneira esplêndida. — Me ver jogar?

Você odeia futebol. Quando assiste o Super Bowl, é por causa dos shows do intervalo.

Eu: — Eu não faço só isso. — Socando seu peito. — Você não fica excitado com aquele uniforme sexy? Todo volume exposto?

Jeremy: — Gosta do uniforme então? — Encarando, percebi tamanho olhar pervertido.

Eu: — Sim, amor incondicional.

Souu ser brincadeira ver meu namorado vestindo verde e branco. Um peso absurdo sendo aguentado pelo corpo.

Nunca conseguiria colocar algo desconfortável em mim. Com o corpo presente na cama delicadamente, tocando pontos vulneráveis. Equipamentos fazendo um pouco de força mesmo tendo ajuda de Jeremy, claro.

Eu: — Seu coração bate acelerado, cheio de adrenalina circulando veias e artérias. — A palma da mão, um dos lugares mais sensíveis, preenchia a posição onde localiza o coração.

Jeremy: — Mesmo quando corro, arremesso uma bola, faço treino desgastantes, a região do meu coração sempre bate mais forte do seu lado. — A hortelã da sobremesa, presa em seu hálito, emitia um aroma doce e maravilhoso. Por que será que o amo? Não é apenas sexo ou aparência. Sabe aquela primeira impressão, mas percebe que não é aquilo que pensa e descobre uma pessoa maravilhosa dentro do "*livro*". É descobri meu grandão.

A noite passou de forma rápida. Ele me abraçou, pôs uma coberta para nos aquecer. Ligou o DVD para rodar Game of Thrones. Acariciava constante aquele cabelo cheiroso e macio.

Eu: — Estou cansado, vou dormir. Te amo. — Beijei-o e esperei uma resposta.

Jeremy: — Boa noite, só vou terminar de assistir esses dez minutos finais e já abraço você e esquento.

"Em meus sonhos, ainda vejo claramente o rosto de Connor na montanha sentado na minha frente". Acordo e vejo a TV desligada, olho para o relógio, três e meia da manhã, a mão sobre minha cintura aquecendo-me naquela noite de inverno.

ONZE

DOIS JOGADORES

Eu acordo inquieto.

O toque gelado de seu pé descoberto a noite toda, me deixava inquieto. Contorcia o corpo para esquerda, para direita. Jeremy não movia parte alguma dos membros. Estátua Grega definia a cena.

Torcia para não acordar ele. Gostava de ouvir sua respiração profunda, uma clareza no ar. O despertador refreou o ambiente. Sua mão procurando algum sinal do meu corpo. Com rapidez, o olhar dele dispara em minha direção. Acabou a angústia.

O rubor encontra forma nas minhas bochechas. Presenciar ele sorrindo e fixo ao meu rosto, me constrangia, mas eu não ligava.

Jeremy: — O que você estava fazendo? — O sorriso persistia para me atormentar por dentro.

Eu: — Tentava ver você dormindo. — Mais perto ainda, senti me tocar com o ombro nas minhas costas, que agora pousavam no peito descoberto dele.

Jeremy: — Por que me olhar? Não acha um tanto estranho? Você já possui tudo isso! — Ele esguelha o rosto, chegando próximo da minha boca, sua zona de perigo.

Eu: — Acho inebriante a vulnerabilidade enquanto dorme. — Prendo a respiração. Alívio.

Jeremy: — Senti um tom irônico? — Sussurrando lentamente, até subir a boca ao lóbulo da orelha e mordê-la.

Finjo que não ouvi o quê ele havia dito, embora, meu corpo ter acionado um arrepio.

Aquelas mãos pesadas, agarram minha cintura, jogando meu corpo para o lado esquerdo da cama. Uma das mãos toca meu pequeno mamilo, logo após ele monta em cima de mim. A pressão exercida pelo corpo dele, incomodava e por outro lado era excitante.

Jeremy: — Antes de beijar você, da forma que você gosta. Tenho um convite para lhe fazer. — Ele titubeou um pouco. Respirou fundo e prosseguiu. — Escuta. Vai haver um jogo amanhã e queria...Não te obrigando, que você fosse. Pronto, falei.

Eu: — Por que foi difícil de dizer algo tão simples? — Fito ele, sem demonstrar agressividade.

Jeremy: — É a primeira vez convidando você. Então... Você decide.
— Ele enrijece.
Eu: — Sim. Eu irei. (Por você). — Balbucio.
Jeremy: — Quero recuperar o mês perdido.
Eu: — Não vamos tocar no assunto. Você mesmo disse para esquecer.
Jeremy: — De fato. — Dando um selinho.



Eu: — Como assim? — Grito com o silêncio. — Não pode ser.
Quatro horas da tarde. Passei o dia inteiro, lendo um livro horrível sobre arquitetura chinesa. Cheio de telhados estranhos, muitas janelas. Cansai. Jeremy permanecia em seu treino, o grande jogo aconteceria amanhã. Posso ver a reação incontrolável e o nervosismo dele.

Sem nenhuma novidade ou um verbo para que eu possa fazer. Sim, na minha vida possuem verbos.

- Verbo 1º: (Ler);
- Verbo 2º: (Cozinhar);
- Verbo 3º: (Assistir);
- Verbo 4º: (Amar), este verbo sempre está ativo;
- Verbo 5º: (Estudar).

Cada dia era hostil e viver com Jeremy se torna monótono. Tantos verbos novos para experimentar.

O telefone vibra impertinente embaixo da almofada do sofá. Retirei a almofada branca de seda, escolhida sem motivo por Jeremy. Uma mensagem. Só significava uma coisa, Jeremy avisando de algum atraso no treino. A mesma história.

Abro a interface da "Apple" na tela, procuro o aplicativo específico de mensagens, então vejo tudo cair. Meu corpo jogado ao chão. Agarro o sofá vermelho e liso.

Mensagem? Aquela mensagem corrompia meus olhos. As cores variavam de preto para um cinza claro, constantemente. Ergo do chão, recuperado às forças. Leio a mensagem.

"Olá. Não sei como dizer isso. Você ainda fala olá? Bom, voltei do Brasil ontem e... Gostaria de lhe ver novamente".

Brasil, olá, novamente? Connor!

Todas minhas veias dilatam, o sangue flui com mais pressa que o normal. Sinto suor escorrendo ao lado do nariz, descendo perto da boca. Limpo com o dedo.

(Como ele possui meu número? Pensei.)

"Agora está perguntando à si mesmo, como consegui seu número! Hoje de manhã passei pela casa dos seus pais, que ficaram surpresos e preocupados com minha volta. E perguntei sobre você, novas informações e deram para mim o número.

Nós precisamos colocar às cartas em jogo, esclarecer dúvidas deixadas em aberto. Vou falar tudo que pedir, sem hesitar.

Aguardo gentilmente por uma resposta carinha.

Connor!"

Respirei fundo e não continha forças. Isto havia me perturbado. Não posso pensar nele, não posso pensar nele. Esforcei o máximo para não ficar ofegante.

Na frente de casa, o carro para, iluminando as janelas, atravessando sua luz entre pequenos buracos de fios da cortina cinza. Jeremy estava muito agitado, chutando o pneu do carro.

A tela continua no mesmo lugar. Na mensagem. Eu tranco-a, deixando o celular no sofá. Ele entra aos brados. Julgava Deus e o mundo.

Eu: — O que foi? — Seguro seu braço quando ele entra na sala de estar. A luz apagada, não detalhava pontos do rosto dele.

Jeremy: — O treinador disse que meus lances estão imprecisos e preciso fazer bonito no jogo de amanhã. — Disse ele.

Eu: — Meu Deus! — Murmurei. Acaricio seu rosto, mesmo estando desconfortável.

Jeremy: — Fiquei pensando. Acho que vou treinar esta noite. Pode ajudar? — Passando o braço direito na minha cintura.

Eu: — É claro que vou ajudar você.

Jeremy: — Primeiro, você não vai deste jeito, quase nu. — Ele apontou o dedo em direção do andar de cima. — Você deve se vestir, está frio do lado de fora.

Eu: — Ah! — Balbucio. Os olhos negros agora encaram em desaprovação.



O lugar estava completamente vazio. O eco de nossas vozes, expandia, lotando aquele estádio pavoroso de ruídos. Meu nariz indagava o cheiro de grama molhada pelo sereno da noite.

Jeremy: — Obrigado por vir. — Toca meu ombro com a ponta da bola.

Eu: — Isto não é nada. — Retiro a bola da mão dele. Faço gracinhas para ele pegar a bola, mas não entrego. Escondo ela atrás das minhas costas.

Jeremy: — Não me faça tirar de você a força. — Rindo.

Eu: — Venha então! — Correndo até a área do touchdown.

A grama molhada dificultava de várias formas o trajeto de chegar ao meu destino. Passos acelerados perseguiam cada movimento do meu corpo.

Jeremy: — Vou levar isso muito à sério.

Olhei minhas botas pretas de cano curto. Os passos firmam no chão, aumentando toda velocidade do meu corpo. Quando sinto calor e agitação de vencer ele, meu corpo é jogado no ar. Segurou minha cintura no mesmo instante, para que eu caísse em cima do seu corpo.

Jeremy: — Machucou? — Ele examina cada parte de mim.

Eu: — Não, não. Alguém pegou o alvo certinho. — Vejo-o franzir a testa. — Seria incongruente beijar você aqui?

Jeremy: — Só sua presença aqui, faz meu estado de espírito focar naquilo que desejo, e não, não seria impróprio, teus lábios juntos aos meus.

Eu: — Um poeta e tanto. — Nossas respirações cálidas cruzam uma na outra.

Jeremy: — Abra a boca apenas para me beijar. — Colando os lábios em mim.

Jeremy mordeu meu lábio na medida que fazia gestos circulares no meu peito. Um arrepio tomava conta dos meus pés, subia bem à frente de meu estômago, que agora borbulhava. O libido gritava em nossas roupas. Dizia "exploda, exploda". Instigo o volume das calças dele. Oh amor. Eu sinto você. Troco de lugar na posição.

O membro roçava minha pele dianteira, excitando. Com ternura, a mão percorria centímetros das minhas costas geladas. Embora tudo era tão sexy com Jeremy ali.

DOZE

UM CAFÉ, POR FAVOR

No dia seguinte. Quando Jeremy acordou. Bocejou, fechou os punhos e limpou os olhos com movimentos circulares

O chuveiro começou sua batalha diária, o frio buscava ser principal no espaço, até ser mandado embora pelo vapor, que dava pulinhos de felicidade.

Nesse momento, estava fazendo panquecas com Blueberry, ele gosta muito delas. Lembrando de ontem, ele merecia um agrado, mesmo ele tendo sido agressivo.

Nosso treino foi emocionante e divertido, então chegamos em casa, eu não consegui esconder dele a mensagem de Connor. Ele ficou tão furioso.

Já estava na hora de dormir, toquei nele, tentei beijar, mas ele queria transar e transar. Um sexo agressivo, um banho logo após e então ele saiu de casa no meio da noite para correr.

Na madrugada, tentando esquecer seu jeito agressivo, Jeremy sentou do lado direito da cama, acariciou meu cabelo e implorou pedindo desculpas. De certa forma ele estava nervoso com o jogo do dia seguinte e também Connor aparecer do nada, deixou Jeremy perturbado.

A água cessou. O som da porta do box soou e logo em seguida parou. Batidas iniciaram e junto uma melodia, Jeremy estava cantando? A curiosidade matou o gato, segui subindo às escadas ao andar de cima. Sobre meus pés, às pantufas cinza escuro, dificultavam de subir, deslizavam. Consegui, gritei na minha cabeça. Pulinhos de felicidade.

A voz aumentou, batidas na parede formavam uma melodia combinado com a cantoria.

"But I wonder where were you,

(Mas me pergunto onde você estava)

When I was at my worst

(Quando estava no meu pior momento)

Down on my Knees,

(De joelhos)

And you said you had my back,

(E você disse que me protegeria)

So I wonder where were you..."

(Então eu me pergunto onde você estava)

Não consegui manter a boca calada e comecei rir.

Por meio do meu riso, percebo que ele havia ouvido. Ele indagou. Meu punho se encontra na porta, emitindo som ao correspondente.

O movimento rápido da porta, o olhar encarando. Um peitoral encantador. Olho de relance para baixo do umbigo, sem disfarçar e retorno ao seus olhos.

Eu: — O café dos campeões está pronto! — Conseguiu sentir o vapor erguer meus pelos do braço.

Jeremy: — Olha lá. Vamos pular notícias ruins. — Num movimento rápido, ele me pega no colo, tento resistir.

Eu: — Onde estamos indo? — Parei de resistir.

Jeremy: — Cama!

O sorriso malicioso toma conta de orelha à orelha

Eu: — Não, não. Você precisa ter uma alimentação saudável, cheia de proteínas e carboidratos. Sem relações sexuais desgastantes. — Aponto para me colocar no chão. — O remorso de você perder hoje, não deixaria que eu dormisse por noites.

Jeremy: — Concordo. — Deixando que eu ficasse de pé novamente.



Enquanto comíamos juntos, uma refeição silenciosa. Ele abaixou o garfo, declarando estar satisfeito.

Jeremy: — Arquitetura não é melhor que está divina e maravilhosa refeição.

Eu: — Arquitetura é diferente de culinária. — Ria da cara dele.

Jeremy: — Você faria um curso profissionalizante de culinária? Eu pago! — Disse ele desnortado.

Eu: — Não quero dinheiro, não quero curso. — Argumentei.

Jeremy: — Por que? — Franziu a testa.

Eu: — Primeiro, estou cheio de trabalhos na faculdade. Segundo, não quero fazer um curso de culinária, é desgastante. Terceiro e último, você não gastará dinheiro à toa. — Balbucio.

Jeremy: — Teimoso! — Empedernido.

Eu: — Não começa! — Bufei. Uma xícara de café verde, cheia de trevos da sorte, na mão direita. O vapor fugia entre o ar e desaparece.

Jeremy: — Negando dinheiro? Bem sua cara. — Fitou com aqueles olhar desajustado e desafiante.

Eu: — Vou fingir não ouvir. — Disse espreitando seu rosto. Sabia que viria uma grande resposta em uma frase.

Jeremy: — Tudo bem! — Não deu o trabalho de revidar, mas ele não parava de olhar.

Quase caí da cadeira.

Eu: — Você irá vir me buscar? Ou eu vou? — Quebrando aquele silêncio imaturo.

Jeremy: — Busco você. — Disse ele, sem erguer a cabeça.

Eu: — Olha para mim! Só não quero fazer um curso idiota. Se está duvidando, me dê o cartão de crédito e a senha. — Rindo.

Meus olhos voltam a olhar ele. Uma cara séria. Percebo as mãos dele movimentarem embaixo da mesa. Noto ele tirar mesmo o cartão de crédito metalizado da carteira.

Jeremy: — Aqui está. — Esticando o braço na minha direção. — Senha "180216"

Pensei que ele havia entendido à ironia.

Eu: — Nunca iria querer seus vinte e sete mil. — Impele a mão junto do cartão.

Jeremy: — Agora pegue! — Jogando o cartão, que aterrissa rente da xícara.

Eu: — Tenho mais coisas preste a fazer. — Saindo da mesa.

Caminho diretamente até às escadas de maneira com finalidade de chegar ao andar de cima. Na parede, anexo ao lado da escada, fotos e dados sobre jogadores de futebol famosos. Ocupei inteiramente o espaço do banheiro, juntamente a urros de raiva.

Não demorou muito e meu cérebro estúpido volta a pensar sobre Connor. A mão insistia pegar no bolso da calça o celular. Deslizo ele para fora, entre minhas mãos. Destranco à tela e digito uma mensagem dirigida a Connor.

"Jamais deveria fazer isso. Me encontre esta noite no jogo de futebol, acontecerá às oito. Vejo você perto dos banheiros químicos quando acabar."

Presumia que a mensagem demorasse a ser respondida. Isso não foi realizado.

"Estarei presente."

De alguma forma, eu estava enlouquecendo. Produzia imagens não próprias para ocasião. Voltei ao dia da montanha, aquela grama macia, braços cruzados. A cara de pau de ele vir falar ainda comigo?



Às luzes fortes demais, clareia o estádio com uma altura de trinta andares de um prédio. Gritos e sons de tambores alastravam de ponta à ponta na arquitetura oval. Uma multidão torcia animada e contagiante. Bandeiras verdes junto do emblema do time, oscilava na direção do vento. O tempo já estava avisando que logo iria nevar.

Minha cabeça não pensava em mais nada, além de Connor. Jeremy juntou-se no vestiário com o time e me deixou perto da entrada.



O jogo acabou. Quarenta e sete à trinta e nove. Parabéns time da casa. A partida de hoje parecia ter sido ensaiada. Muito perfeita. Jeremy comemorava no vestiário, uma vitória merecida. Mesmo fascinado pelo jogo, havia tarefas para terminar.

O lugar de encontro estava vazio, não que eu não quisesse ser visto, foi uma mera coincidência. A forma de um corpo surge das arquibancadas, seguia calmo, mãos dentro dos bolsos da calça jeans skinny preta, cabelo castanho e o topete igual à quatro anos atrás e uma camisa social verde.

"Era ele!"

Connor: — Olá! Como senti sua falta! — Um abraço aconchegante toma meu corpo.

Eu: — É bom lhe ver também. — Aquiesço o abraço.

Connor: — Vem, vamos sentar naquele banco. — Tocando meu ombro.

Eu: — Tudo bem! — Balbucio.

A multidão havia ido embora para os bares e clubes pós jogos, encher a cara. Alguns homem iriam transar com suas mulheres oprimidas.

Connor: — Olha, eu sinto muito. — Seus olhos encheram de lágrimas. — Eu não queria, eu juro.

Eu: — Não sei o quê dizer! Estou com raiva.

Connor: — Tem todo o direito de estar com raiva.

Eu: — Por que, por que não me ligou ou... — Fui fraco, o choro me pegou. Ele segura minha cabeça em seu colo.

Connor: — Não chore. — Limpando cada lágrima que rolava pelo meu rosto.

Eu: — Nunca esqueci você. Todos os dias tenho uma imagem sua na minha cabeça. — Nossos olhos próximos.

Connor: — Eu também não esquecia você. — Sua boca avermelhada ficava junto da minha. Ele me beija.

O passado trás de volta, lembranças e sentimentos à flor da pele.

O assunto desenrolou por mais de meia hora. Ele atualizou saber mais sobre mim e eu por ele. Percebi o motivo dele não ter me ligado e Connor não foi culpado de ter me deixado.

Connor: — Eu amo você, quero você para mim novamente, e desta vez não irei embora. — Disse ele. — Esqueça esse Jeremy. Ele não demonstra amor por você.

Eu: — Não quero fazer o mesmo que você fez comigo. — Deitado no peito dele.

Connor: — Vou batalhar para ter você. — A mão gelada, toca minha bochecha, alisando-as.

Eu: — Ah...

Próximo da arquibancada, mesmo com a luz fraca, Jeremy caminhava na nossa direção. Fiquei em choque.

Jeremy: — O que está havendo aqui? — O tom mórbido saía pela boca.

Eu: — Connor este é Jeremy, Jeremy este é Connor. — Apontando um de cada vez.

Jeremy: — Então esse é o merdinha que abandonou você. — Colocando o dedo indicador na cara de Connor. Seguro ele para não fazer besteira.

Connor levanta do banco ameaçador também.

Connor: — Eu amo o Jamie. — Disse ele, alto e claro.

Furioso, Jeremy empurra Connor, que cai ao chão, batendo suas costas no banco. Ver Connor caído, apertou tão forte meu frágil coração. Num fiapo de voz, ele continuou falando.

Connor: — Sempre vou amar ele. Você não é digno dele. — Segurou minha mão e levantou do chão.

Jeremy: — Francamente, seu desgraçado. — Ele soca o estômago de Connor.

O soco atingiu tão forte a barriga, que ele cuspiu no chão. Sons de gemido.

Eu: — Para! — Exclamei, segurando Connor entre meus braços. A desaprovação nos olhos de Jeremy era imensa.

Ainda com a mão sobre a barriga, Connor corre para cima de Jeremy, socando-o no olho esquerdo. Coloquei-me no meio dos dois, intervindo aquela briga.

Eu: — Jeremy quer parar com essa palhaçada? — Não pude evitar, empurro ele para trás.

Jeremy: — Você prefere ele? — Suas mãos tocam em meu peito, me empurrando de volta. — Fica com ele.

Eu: — Idiota, nunca mais toque em mim.

Jeremy: — Vão se foder. Eu te amava. — Virando às costas para nós dois.

À visão da partida dele, afetava não só meu espírito e sim, meu estado emocional. Um caloroso abraço de urso oferecido por Connor atrás das minhas costas. Ele abaixou os olhos.

Connor: — Vamos para casa. — Leves toques fluíam, aos ombros, ele massageava minhas costas.

Eu: — Percebo que não sei ao certo onde é minha casa.

Fiquei calado, sentindo dores psicológicas. Estava irritado.

Logo virando à esquina, o carro preto estava estacionado no declínio da calçada. Ria do modo dele ter estacionado.

Eu: — Bem estacionado. — O tom de sarcasmo cativante.

Connor: — Quando você quer muito algo, não percebe os mínimos erros à sua frente. — Revidando o sarcasmo. — Entre, já vai nevar.

Quando acabou de terminar aquela frase, pequenos flocos, quase brancos, caíam e aterrissavam no meu ombro, perto do cachecol azul.

A partida iniciou dentro do carro. O farol apontado na direção de duas latas de lixo, delatando nossos amigos ratos, furtando uma maçã doce com pipocas ao seu redor.

O aquecedor liga, esquentando o ar e aquecendo os assentos frios. O rádio sintonizado na estação de notícias da cidade. A voz grossa e rouca anunciou.

"Hoje e amanhã, uma frente fria coberta de neve, atingirá à cidade. Peguem um agasalho, um cobertor e muito, muito chocolates quente. Não será aconselhável sair de casa", disse o locutor.

Tantas ruas, vários bairros e não chegamos. Precisava cair sobre uma cama quente e confortável. A esquina em que entramos, parecia ser familiar. Andamos com o carro mais um pouco e consegui ver. Droga. Vejo claramente a casa dos meus pais.

Eu: — Você vai me deixar na casa deles? — Apontando para casa.

Connor: — Se quiser, porém pensei que gostaria de ficar na minha. — balançou os ombros.

Eu: — Onde você mora? — Indago.

Connor: — Na casa ao lado dos Montez.

Eu: — Casa número mil duzentos e quarenta e sete?

Connor: — Sim, é essa. Como você sabe?

Eu: — Já morei ali. — Balbucio.

Connor: — Sério? Me conte mais! — Olhando de relance.

Eu: — Exatos dois anos atrás. Jeremy mudou-se para esta casa. Conheci ele, saímos algumas vezes. Aconteceu, ele me convidou para morar aqui.

Connor: — E por que saíram?

Eu: — Meus pais estavam sempre por perto. Jeremy achou que não havia privacidade alguma.

Connor: — E voltará novamente. — À mão dele acariciando a minha.

Eu: — Sinto falta daqui. — Reprimi palavras.

Connor: — Pode ser que agora não sinta mais. — Ele lançou um sorriso impertinente. — Você seria capaz de morar aqui?

Eu: — Connor...

Connor: — Não é fácil sair de um relacionamento e entrar em outro. — A mão se pôs para abrir a porta.

Desta vez, ele estacionou o carro no lugar exato. Dentro da garagem.

Eu: — Vamos tentar ir com calma. — Falei isso enquanto saía do carro.

Connor: — Contudo que aconteceu, serei melhor que ele. — Retirou às chaves do bolso. Sua mão tremia por causa do frio.

Eu: — Senti sua falta. — Eu abraço ele. O colete preto e grosso que eu vestia, dificultava nosso contato físico.

Quando a porta se abre, meus olhos percorrem raios de quilômetros para examinar tudo novamente. Sim, exatamente no lugar, apesar dos móveis novos, declarando um ar de casa nova.

Eu: — Olha essa decoração! É fantástica.

Connor: — Gostou? Quê ótimo. — Ele largou às chaves na mesa de centro marrom e de madeira na sala.

Às luzes acendem. À escada que levava ao andar de cima, ganha forma. Eu à toquei como se fosse hoje, deitados naquele tapete. Os degraus de testemunha, enquanto Jeremy me beijava naquele chão. Uma ligação da minha mãe nos interrompe.

Connor: — Quer alguma coisa? — Abrindo à geladeira.

Eu: — Café, por favor. — Sorrindo. — Se não for encômodo.

Connor: — As ordens. — À máquina de café expresso inicia. — Já ouviu falar de Brasília? Ou o Corcovado no Rio de Janeiro?

Eu: — Ouvi uma vez na aula de história ou geografia. Não recordo. — Disse admirado por ele ser vívido.

Connor: — É lindo! Você ficaria encantado por subir no bondinho, ver o pão de açúcar e olhar o Cristo Redentor.

Eu: — Cristo Redentor? — Ergo uma sobrancelha

Connor: — O Redentor para os brasileiros é como nossa estátua da Liberdade.

Eu: — Andou aprendendo muito lá. — Falo com rubor.

Connor: — A cultura deles não é diferente de nenhuma, só não é valorizada como aqui! Um dia gostaria de levar você lá. Aceitaria?

Eu: — Claro. — Um suspiro de alívio e fascinação toma conta do meu rosto.

Connor: — Seu café!

A xícara azul claro, continha um pequeno desenho de um elefante. Os marshmallows flutuavam conforme a cafeína tentava afundar eles.

Eu: — *Uhhmm*. — Limpando o canto da boca. Está gostoso.

Connor: — Obrigado. — Disse ele.

Nossa troca de olhares era intensa, até ele tentar roubar um dos meus marshmallows na xícara.

Eu: — Meu marshmallow. — Grito.

Connor: — Quero um pedacinho.

Eu: — Pode pegar. — Balbucio.

Connor: — Beleza. — Retirando um macio e branco marshmallow.

Eu: — Parecemos duas crianças. — Nós dois caímos na gargalhada. — Fazia tempo que não ria assim.

Connor: — Todos os dias vamos rir.

Conversamos muito

Meus olhos diziam para mim descansar. Os de Connor acompanharam os meus.

Connor preparou sua cama improvisada no sofá. Insisti que eu dormisse ali, porém, ele não deu ouvidos.

Eu: — Dorme comigo, não me importo de dividir a mesma cama. Connor, é sua casa.

Connor: — Não quero apressar, como você disse.

Eu: — Tudo bem. — Beijo sua boca.

Connor: — Por que isso?

Eu: — Amo você. — Abraço ele com força.

Connor: — Recebi minha resposta.

Eu: — Resposta? — Instigo.

Connor: — Sim, quando Jeremy estava conosco, eu disse que lhe amava e agora você respondeu o mesmo. — Ele faz nós com seus e meus dedos.

Eu: — Quero dormir.

Connor: — Pode ir, sabe onde fica. — Disse ele.

Eu: — Dorme comigo! Por favor.

Connor: — Continua teimoso!

Eu: — Um pouco. Então quer dizer que você vai?

Connor: — Sim, sim. — Ele aquiesce.

A cama de casal vazia. Os cobertores guardados na embalagem original.

Eu: — Arrumou coisas novas rápido.

Connie: — Somente o básico! — Exclama. — Vamos dormir.

Terminamos de arrumar em uma calmaria. À cama estava feita. Deitamos juntos, eu para a direita e ele na esquerda, na minha direção.

Estamos de conchinha. Sobre minha cintura, ele ligava nossas mãos, fazendo nós com os dedos.

Eu: — Amanhã pegarei minhas coisas. — Preciono sua mão.

Connor: — Esta bem, mas agora durma. — Boceja, cheio de sono. — Durma, você está tenso.

Eu: — Boa noite. — Solto uma risada baixinha.

Connor: — Boa noite. — Retribui o riso.

Quando tinha dezesseis anos, costumávamos dormir assim. Senti falta disso por um longo tempo. Agora tenho ele novamente.

TREZE

"FINAL"

Connor: — Bom dia. — Ele beijava minha testa.

Eu: — Bom dia. — Bocejo. — Que horas são?

Connor: — Exatamente dez e sete da manhã.

Eu: — Droga! Por quê não me acordou? — Encarei, vendo ele usar um samba canção. Branco, com macaquinhos de emojis, palmeiras e banana. Era engraçado.

Connor: — Está achando graça de quê? — Ele sorri e volta ser sério.

Eu: — Samba canção. — Aponto.

Connor: — Continue rindo. Ela é confortável e fofa.

Eu: — Concordo, não sei.

Que reviravolta minha vida fez. É porquê sou uma pessoa ruim ou o destino querendo se divertir um pouco? Tenho dúvidas quanto a isso.

Fico pensando. E quanto Jeremy? O que num momento como este, ele estará fazendo? Provavelmente caído em casa e bêbado.

Eu: — Nunca mais me deixe dormir por tanto tempo.

Connor: — Ainda continua acordando cedo? Que horrível.

Eu: — Sim, sim.

Connor: — Vamos, levante, tem café lá embaixo. — Ele me fita e sorri. — E não olhe para minha samba canção!

Eu: — Isso foi sarcasmo? Muito cativante. — afastei às cobertas e segui ele.

O café quente entrava pela garganta e satisfazia meu estômago. Connor passava manteiga em uma fatia de pão torrado.

Connor: — Por que olha assim para mim? — Largou uma fatia ao lado da faca.

Eu: — Algo tão normal.

Connor: — Tudo bem, contanto que coma um pouco.

Eu: — Você parece minha mãe. — Bebo um gole de café.

Connor: — Então, significa um ponto positivo, ser igual sua mãe.

Eu: — Talvez seja.

Voltar a ter uma relação com Connor, é fácil. E começar do zero? Não, não é.

Connor havia saído, visitar sua mãe. Gosto desta relação de mãe e filho. Puxo o celular do bolso traseiro da calça e disco o número de Jeremy.

Eu: Alô?

Jeremy: Pode falar. — Sua voz baixa e grossa.

Eu: Vou passar às duas da tarde e pegar algumas coisas. Tudo bem?

Jeremy: Sim.

Eu: Tchau.

O telefone desliga sem resposta alguma no final da ligação.

Duas horas e estou completamente irritado por voltar à aquela casa. Bato na porta. Ninguém. Refaço o movimento e nada.

À porta abre devagar. Luzes apagadas e nenhuma movimentação. Jeremy não queria estar presente quando eu chegasse.

Chego ao quarto principal. Retiro minha mala do baú na frente da cama. Um baú vermelho, estofado de couro. Conduzi minhas roupas apressadamente, não querendo ficar mais nem um segundo ali. Um arrepio parte por trás das costas. Foi quando tudo acabou.

Dor. Flashes de luz incomodavam à íris dos meus olhos. Tentei ver e tudo ficava embaçado, apenas ouvia uma voz gritando comigo. À escuridão veio novamente.

Sinto o vento frio no rosto, não era confortável. Consigo ver claramente de novo. O motorista era Jeremy, o cara estava em alta velocidade. Com medo sem deixar pistas, retirei o celular e liguei para Connor, meu punhos amarrados um no outro, dificultavam à discagem. Escondi o celular no chão, embaixo do banco do motorista.

Eu: — Onde está me levando? — Batia com força e medo no banco dele.

Jeremy: — Simples, vamos fugir, só você e eu. Não quero ninguém com você. — À voz ameaçadora e alta.

Eu: — Me solta! Onde está me levando? Socorro! — Aos brodos, chamando sua atenção.

Jeremy: — Cala essa boca! — Ele aponta o dedo no meu rosto, feroz e irritado. — Vou pegar identidades falsas e sairemos do país. Tem um cara esperando no boliche "Zona B".

Eu: — Não vai dar certo. Será pego. — Grito. — Meus braços amarrados. Doía quando tentava afrouxar os panos presos.

Jeremy: — Você acha? — Ele mostrou uma arma no porta luva.

Eu: — Por favor. Não faça isso. — O choro inicia.

O carro faz uma pausa. Ele saía do carro sem preocupação. À neve enceta a cair mais forte. O clima tornava-se intenso e horrível. Aquele rosto continha fogo, um olhar maníaco.

Ele estava parado por dez minutos esperando às identidades. Vejo a ponta da arma para fora do bolso direito do casaco. Muito esperto ele.

O barulho de um carro se aproxima. Percebo que meu fim estava próximo. Como ele conseguiu?

Início uma violenta gritaria e batidas contra à porta do carro.

Indubitável, ouço a voz de Connor. Desesperado ele chamava meu nome.

Eu: — Aqui, aqui. Socorro. — Um fiapo de voz saía por causa do frio.

Jeremy percebe minha ação. Corre em direção do carro. À porta que eu me encostava se abriu. Ele me pega no seus braços. Retira uma fita do bolso esquerdo. Jeremy com agressividade não hesita e coloca um pedaço de fita nos meus lábios.

Aflito gritava sem parar, mas a fita não ajudava muito, um som de murmuro apenas.

Vejo Connor. À visão triste e com medo. Ele tentava aproximar de mim, porém Jeremy impedia qualquer tentativa de aproximação.

Jeremy: — Melhor você dar à volta e nos deixar ir. — Ele estava bronco.

Visão de Connor

— Não machuque ele. — Minha voz Vocifera.

— Acho que sou estúpido assim? — Jeremy não tinha contrição dos atos que viria fazer.

Jamie ao chão, amarrado daquele jeito. Olhos cheios de lágrimas. Como chegou à este ponto?

Aos poucos me aproximei. Tentativa falha.

— Eu avisei. — Ele enrijece, puxando uma arma do bolso direito.

— Solte ele! — Implorei. Jeremy dispara a arma contra o chão. O som expande no ar, ocupando espaço entre nós. — Não faça algo que irá se arrepender.

Sirenes da polícia ecoam. Jeremy virou para os lados, procurando por elas. Um dos carros para com uma freada forte, levantando neve para os lados. Dois policiais saem apressados do carro.

— Abaixo essa arma rapaz. — O óculos escuro, impedia de ver o olhar sério do policial.

— Desculpe! — A arma foi disparada, o alvo? O peito de Jamie.

Não, não. Corro até Jamie, então um policial impede. Logo em seguida outro disparo. Caindo ao chão, estava Jeremy.

Olho tudo aquilo, e não consegui forças para ficar de pé. Meus joelhos caem na neve.

Meu punho socava a neve árdua e fria. Por que? Por que? Uma ambulância chegou, removeu uma maca. Eu não queria levantar do chão, não conseguia

Eles carregavam os corpos como uma amoeba, sem valor. O solo não era mais branco, o vermelho ressaltava uma cor e forma.



Três dias, eu não conseguia rever outra foto ou imagem de Jamie. Doía. Deveria ter acompanhado ele. Sou estúpido.

O enterro não parecia ser verdade e sim encenação. Todos perguntavam, "como alguém que todos amavam e participava da vida de cada um pode ter chegado ao fim?".

A reação da família que procurava motivos, não se conformavam com a tragédia. Rose, sua mãe chorava em cima do corpo, Chris, seu pai e uma garota que eu não conhecia, abraçavam ela por trás.

Minha mãe segurava minha mão entrelaçando com a sua e dizia, "*tudo vai ficar bem*". Não, não ía.

Naquela tarde o vento percorria com velocidade. Caminhei sobre a mesma montanha, em que um dia fomos felizes.

Cheguei ao topo. Sento ao chão tocando a grama verde que Jamie ficou fascinado na primeira vez em que viemos.

Lágrimas percorrem meu rosto. O som dos cristais que ele adorava. Pensei.

— Eu queria você aqui comigo, você me perdoou mesmo quando lhe deixei! Quando você sorriu no café da manhã, quis lhe beijar e então não queria apressar às coisas. Sou um idiota. Idiota. Eu te amo tanto que não cheguei ao ponto de te dizer.

Você sabe que eu nunca esquecerei você, onde você estiver, onde eu estiver, será lembrado para sempre. Não tenho mais nada, tudo que eu tinha era você. — Deixei às lágrimas escorrerem. — Você lembra do que disse para mim aqui? ***"Mesmo que o céu esteja escuro e com trovões anunciando uma tempestade e eu não conseguir segurar sua mão, lembre-se, depois da tempestade, surgirá um arco-íris e estarei sobre ele, olhando e torcendo por você"***. Obrigado por me amar.

Fiquei sentado com o espírito e memória dele. Lembrando cada momento, que estarão apenas na minha memória. Jamie sempre foi tudo para mim e cada manhã em que eu respirar, ele sempre estará presente e segurando na minha mão. Ele foi a única pessoa que eu realmente amei e

que eu irei amar. Tudo o que eu peço é que você esteja feliz aonde estiver,
por que eu estaria aqui sempre com você.

Obrigado, obrigado! Agradeço por acompanharem cada palavra, cada estrofe. Amo vocês! Por enquanto é isso. Um beijo do fundo do coração e que Jamie esteja presente no pensamento de cada leitor.

Atenciosamente: o autor.

Meios de Contatos:

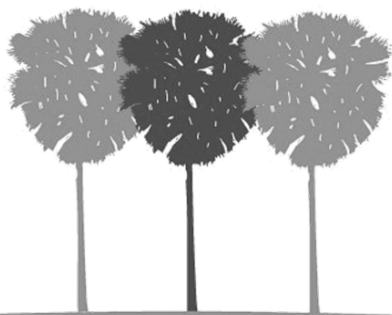
E-mail: jubajager222@gmail.com
brunocriss222@gmail.com

Facebook: Bruno Criss

Twitter: @CrissBrunoH

Instagram: @bruno_criss

Snapchat: BrunoCrissPlayer



BURITI

www.editoraburiti.com.br